

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E**  
**CONTÁBEIS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**MONOGRAFIA**

**ANA PAULA CAVALLI**

**INFLAÇÃO E DESEMPREGO EM PERÍODO DE GUERRA: UMA ABORDAGEM**  
**DA CURVA DE PHILLIPS DA ECONOMIA DA ALEMANHA E DO BRASIL**  
**(1914 -1950)**

**PASSO FUNDO**

**2014**

A Deus, meus pais  
e meu orientador.

*“O economista-mestre tem que possuir uma rara combinação de dons.*

*Ele tem que ser matemático, historiador, estadista, filósofo – em algum grau.*

*Ele tem que compreender símbolos e falar em palavras.*

*Tem de contemplar o particular em termos do geral e tocar o abstrato e o concreto no mesmo voo do pensamento.*

*Tem de estudar o presente à luz do passado com objetivo do futuro.”*

*John Maynard Keynes*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da sabedoria que me destes e pela oportunidade de concluir mais uma etapa da minha vida.

Agradeço aos meus pais Cleusa e Luiz, dos quais me orgulho imensamente por terem sempre me incentivado e me apoiado em tudo que fiz e, acima de tudo por terem me ensinado a nunca desistir dos meus sonhos. Sem eles, nada disso seria possível.

Aos meus amigos que me apoiaram durante essa caminhada, em especial aos que caminharam comigo: Wagner, Thiago, Michel e Leandro. Obrigada por tudo. Pelas risadas, bebedeiras, trabalhos, idas ao posto, e acima de tudo pela amizade. Ao meu querido chefe e amigo Gastão por toda compreensão e incentivo durante esses cinco anos de faculdade.

Ao meu namorado Tobias pelo apoio, compreensão, carinho, companheirismo e incentivo. Foi muito importante tê-lo ao meu lado nesses últimos dois anos de faculdade, obrigada por me apoiar em todas as minhas decisões.

E finalmente, agradeço o meu orientador e excelente professor doutor Ginez por ter sido paciente, prestativo e dedicado. Por ter contribuído para que esse trabalho fosse concluído da melhor forma possível. Ainda, a todos professores da UPF que colaboraram de alguma forma para meu crescimento ao longo do curso.

## RESUMO

CAVALLI, Ana P. Inflação e desemprego em período de guerra: uma abordagem da Curva de Phillips da economia da Alemanha e do Brasil (1914 -1950). Monografia (Curso de Ciências Econômicas). UPF, 2014.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as variáveis macroeconômicas, inflação e desemprego na Alemanha e no Brasil no período de 1914 a 1945. Ainda busca estimar a importância de políticas econômicas keynesianas na Alemanha durante o período do partido nazista no poder. A revisão de literatura destaca os acontecimentos históricos tanto no Brasil como na Alemanha e quais políticas econômicas foram utilizadas como forma de conter ambas variáveis. É utilizada então, a Curva de Phillips como mecanismo para que se possa entender melhor como funcionou a inflação e o desemprego em período de guerra. Como resultado, pode-se comprovar que a reforma monetária foi a melhor forma de combater a hiperinflação alemã e que o incentivo ao crédito, investimentos e gastos do governo foram a melhor forma de combater o desemprego na Alemanha. Para tanto, a Curva de Phillips comprova que quanto maior o desemprego menor será a inflação tanto na Alemanha (1924-1933), quanto no Brasil após 1930. No Brasil, o incentivo a industrialização foi à peça chave para que se diminuísse o desemprego no período.

JEL: B22, E00, E12, E24, E31,

Palavras-Chave: Inflação, Desemprego, Alemanha, Brasil, Curva de Phillips, Políticas Keynesianas.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Desemprego na Alemanha entre 1928 e 1939

Figura 2. Hiperinflação alemã (1914-194)

Figura 3: As expectativas de inflação e as curvas de Phillips no curto prazo

Figura 4. Evolução do PIB da Alemanha (1918-1934)

Figura 5. Produção por trabalhador na indústria alemã 1940-1944

Figura 6. Equilíbrio no nível de preços, determinado pela demanda e oferta

Figura 7. Injeção de moeda

Figura 8. Curva de Phillips: Taxa de inflação x Taxa de desemprego

Figura 9. Curva de Phillips original (1958)

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Taxa Mensal de inflação na Alemanha de 1919 a 1924

Tabela 2. Cotação do dólar (US\$ 1,00)

Tabela 3. Crescimento econômico da Alemanha nazista

Tabela 4. Plano Quadrienal: Nível de despesas propostas

Tabela 5. Despesas com rearmamento, gastos públicos e renda nacional 1933-1938

Tabela 6. Distribuição setorial do PIB brasileiro (1910-1950)

## **LISTA DE SIGLAS**

IGM – Primeira Guerra Mundial

SGM- Segunda Guerra Mundial

FED- Federal Reserve

PIB- Produto Interno Bruto



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO .....	11
1.2 OBJETIVOS .....	11
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	11
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	12
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	13
2.1 PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL .....	13
2.2 PERÍODO ENTRE GUERRAS: REPÚBLICA DE WEIMAR.....	16
<b>2.2.1 Curva de Phillips: hiperinflação e desemprego</b> .....	<b>22</b>
2.3 TERCEIRO REICH: POLÍTICAS ECONOMICAS NAZISTAS .....	30
<b>2.3.1 Keynes e suas perspectivas teóricas: aplicação ao governo de Hitler</b> .....	38
2.4 BRASIL: ERA VARGAS .....	42
<b>3. ASPECTOS METODOLOGICOS</b> .....	47
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	48
3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	48
<b>3.2.1 Inflação</b> .....	49
<b>3.2.2 Taxa de Desemprego</b> .....	52
<b>3.2.3 Curva de Phillips</b> .....	54
3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....	57
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	60
<b>REFERENCIAS</b> .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Após o término da Primeira Guerra Mundial em 1918, a Alemanha, abalada estruturalmente foi submetida a leis que lhe foram impostas através do Tratado de Versalhes, agravando ainda mais seu estado caótico. O país que então havia se tornado uma república, começava a sentir os efeitos da guerra logo de imediato. O desemprego crescia rapidamente e a taxa de inflação estava alta, assim, em questão de meses o país se via diante de uma ruína econômica e social onde a miséria e o ressentimento político prevaleciam entre a população.

O estado alemão necessitava de reparos e medidas drásticas para que a economia do país tomasse novos rumos. Planos econômicos foram colocados em prática para tentar salvar o país que mostrava aos poucos estar se recuperando do colapso.

Então, em Janeiro de 1933, Adolf Hitler, assume o poder. O desemprego torna-se seu principal argumento político para a adoração da massa popular. Em questão de meses, o país começa a sentir as mudanças políticas e econômicas criadas pelo partido nazista, contudo, estas são apenas peças chaves para disfarçar o real objetivo dos líderes alemães. Em questão de anos o país se encaminhava novamente para a guerra.

Com o início da Segunda Guerra Mundial a Alemanha novamente se presenciava diante de dificuldades econômicas e sociais. Durante todo este período de conflito armado na Europa, quem ganha grande respeito e admiração é John Maynard Keynes, após prever, ainda na década de 20, que em não muito tempo às penalidades impostas pelo tratado não levariam a Europa a tão esperada paz, mas sim novamente a um conflito. O Brasil, governado por Getúlio Vargas também se depara com a guerra e passa a sentir diretamente os efeitos catastróficos da mesma. Este estudo busca mostrar a relação entre inflação e desemprego em período de guerra na Alemanha e também no Brasil e, quais políticas macroeconômicas foram utilizadas como mecanismos para mudar o cenário econômico de cada país tendo como referência o pai da macroeconomia Keynes.

## 1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a relação entre inflação e desemprego em período de guerra, tanto na Alemanha como no Brasil de Vargas. Bem como, em apresentar quais as políticas macroeconômicas que foram utilizadas em ambos os países para conter estas variáveis econômicas. Também, busca ressaltar a importância de John Maynard Keynes e suas teorias para o período.

A problemática inicial se deve ao fato de que a Alemanha foi levada a uma ruína econômico-social. Primeiramente pela chamada “Grande Guerra” durante um período de quatro anos de conflito. “É importante destacar que com o término da IGM, principalmente a partir de Versalhes, a Alemanha destruída, teve que lidar com os impactos econômicos”. (MARTINS, 2010, p.4)

Consequentemente, veio a Segunda Guerra Mundial que, novamente e de forma ainda mais abrangente envolveu o país diretamente. “A Alemanha, perdedora das últimas duas guerras mundiais, encontrava-se devastada economicamente, tolhida de seus direitos militares, de exercer politicamente sua soberania.” (VAISSE apud MARINHO, 2010, p.4).

Não só a Alemanha estava envolvida e abalada economicamente pelo conflito, como o mundo inteiro. O Brasil apesar de não ter sentido de forma mais abrangente os impactos da guerra, de longe foi influenciado, em partes, pelo conflito.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar os impactos econômicos e sociais causados a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial e descrever como se comportou a inflação e o desemprego durante esse período no país, e ainda no Brasil da República Velha até os mandatos de Getúlio Vargas que teve participação indireta na Segunda Guerra. Também, quais políticas macroeconômicas foram utilizadas como forma de conter essas duas variáveis e qual a influencia de Keynes para o período.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- i. Descrever os impactos econômicos e sociais causados pela Primeira Guerra Mundial e as penalidades que ficaram impostas a Alemanha através do tratado de Versalhes, ainda, analisar como se comportou a inflação e o desemprego no país após o término da Primeira Guerra e nos meses posteriores a ela, utilizando a curva de Phillips como mecanismo;
- ii. Avaliar a chegada do partido nazista ao poder e suas políticas macroeconômicas utilizadas para conter o desemprego na Alemanha de Hitler, também, a situação destas variáveis no Brasil desde a República Velha até o período sob o comando de Getúlio Vargas.
- iii. Estimar a importância de John Maynard Keynes para o mundo neste período, qual a relação de suas variáveis macroeconômicas com as políticas nazistas durante o período e ainda seus métodos que foram utilizados por Celso Furtado no Brasil de Vargas.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

O presente capítulo estrutura-se em três seções. Na primeira seção é feita uma breve história social e econômica da Primeira Guerra Mundial como forma de introdução ao assunto, para podermos entender como a Alemanha começou sua decadência econômica na década de 20. Na segunda parte, será mostrada uma análise econômica do período entre guerras, destacando os planos econômicos utilizados para tentar reconstruir o país, a taxa de inflação e o desemprego utilizando a curva de Phillips para melhor entendimento. Por fim, será relatado um estudo de como funcionou a economia alemã durante a Segunda Guerra Mundial, e quais políticas macroeconômicas foram utilizadas para conter a inflação e o desemprego, tanto na Alemanha como no Brasil.

### **2.1 PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL**

No início do século XX, grande parte da população europeia vinha acompanhando um desenvolvimento industrial que vinha trazendo um conforto antes nunca experimentado. Comunicação e transporte haviam sido obras da ciência e tecnologia, que vinham abrindo possibilidades inimagináveis.

Conforme Figueira, havia também um outro lado da moeda. Disputas territoriais entre as potências e a má distribuição dos benefícios do progresso entre a população vinham criando um clima de instabilidade constante na Europa. O risco de um confronto iminente pairava nos ares do continente europeu. Até que em 1914, todas as previsões se confirmaram com o início da chamada “Grande Guerra” ou “Guerra de Trincheiras”<sup>1</sup>. (FIGUEIRA, 2002, p.290)

---

<sup>1</sup> Recebeu esse nome pois os exércitos da frente ocidental se protegiam em extensas linhas de trincheiras que eles mesmos cavavam.

A insatisfação entre as nações que tinham ficado de fora da partilha da África e da Ásia, a disputa ostensiva por novos mercados e fontes de matéria-prima envolvendo muitos governos imperialistas, e as tensões nacionalistas acumuladas durante décadas estavam prestes a explodir. (FIGUEIRA, 2002, p.291)

Em clima de exacerbação nacionalista e disputas imperialistas deu origem a formação de dois blocos antagônicos de nações. O primeiro a surgir foi a Tríplice Aliança, que reuniu a Alemanha, a Austro-Hungria e a Itália. Logo depois foi formada a Tríplice Entente, aliança entre a Inglaterra, a Rússia e a França. As maiores potências da Europa estavam, assim, prontas para guerra. (FIGUEIRA, 2002, P.293).

Faltava apenas um pretexto para iniciar o confronto, então em 28 de junho de 1914 este surgiu, quando um estudante Sérvio assassinou a tiros o herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa na capital da Bósnia.

Após anos de conflitos no campo de batalha, em novembro de 1918, a população de Berlim se manifestou contra o governo monárquico. É importante ressaltar, conforme o autor, que a Alemanha após sua unificação política apresentou um período de aceleração do desenvolvimento industrial. Segundo Figueira, o imperador foi forçado a abdicar. Formou-se então um governo liderado pelo partido Social Democrata que proclamou a república, conhecida como República de Weimar. Terminava, assim, a Primeira Guerra Mundial. (FIGUEIRA, 2002, p.295)

No final da guerra a Alemanha vinha sofrendo diversas mudanças, tanto políticas como sociais. Após algum tempo, começariam a aparecer às mudanças econômicas. Para Martins (2010), a estrutura de monarquia ruía e restava modificá-la; das cinzas da guerra e do império, surgiu uma república fragilizada, numa era de grandes dificuldades econômicas não só na Alemanha derrotada, mas também no mundo todo. (MARTINS, 2010, p.5)

Com o término da primeira Grande Guerra a Europa começava seu declínio. Conforme Pureza (2009), o fim da Primeira Guerra trouxe uma profunda crise econômica, hiperinflação que gerava desemprego e muita miséria. Cotrim (2003), afirma que o conflito deixou muitas consequências, entre elas o aparecimento de novas nações, o enriquecimento dos Estados Unidos, a depreciação continua do marco Alemão, além do surgimento do nazismo na Alemanha.

As forças aliadas que venceram a Primeira Guerra Mundial reuniram-se na Conferência de Paz de 1919, em Versalhes (França), para tratar das estratégias que

garantissem a paz no continente europeu. Estavam presentes o primeiro-ministro da França, Georges Clemenceau, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, e o primeiro-ministro inglês, David Lloyd George. Com o passar dos dias, a Conferência foi se revelando apenas uma reunião para estipular quanto a Alemanha deveria pagar pelas perdas decorrentes da Grande Guerra, relegando a um plano secundário a garantia da paz. (COUTO et al., 2007, p.17)

Após o final da IGM e a assinatura do Tratado de Versalhes<sup>2</sup>, a nação Alemã estava totalmente fragilizada e ressentida politicamente. Vale ressaltar que Segundo Figueira (2002, p.295), o tratado tinha uma cláusula econômico-financeira, que obrigava a Alemanha a pagar grandes indenizações em dinheiro a título de “reparação de guerra” e, a entregar parte de suas reservas de ouro às nações vencedoras, além de uma cláusula militar que impedia o país de manter marinha de guerra, tanques e artilharia pesada.

Para Martins (2010), a nação alemã era admirada por todo mundo em relação a prestígios políticos e culturais, sua indústria era muito forte e isso se perdera após a guerra de trincheiras. Os impactos econômicos estavam sendo sentidos não só no país, mas em toda a Europa. A miséria se tornava cada vez maior e o valor da moeda Alemã vinha declinando a cada dia. O descontentamento era geral, e a população pensava que as leis impostas pelo tratado eram injustas para com o país. (MARTINS, 2010, p.5)

Para se entender o termo “reconstrução de um Estado”, é preciso, inicialmente, fazer um comentário sobre o poder econômico e militar. Um Estado que conta com grande poder econômico, pode utilizar essa força para alcançar dominação ou controle, obtendo assim prestígio, que é o respeito ao qual se paga o poder e influência, que é a capacidade de afetar as decisões de outros Estados. O poder militar dá ao Estado força, que é o uso de meios físicos para se afetar decisões de outros Estados. Assim, tendo em mão esses dois poderes, um Estado pode alcançar uma posição dominante, sendo capaz de afetar as decisões de um numero significativo de outros Estados sem que os mesmos tenham tais condições. (KINDLEBERGER, 1970, p.56 apud NOGUEIRA, 2010, p.2)

O Estado Alemão após a derrota da Primeira Guerra, encontrava-se totalmente abalado em relação a sua economia e poderio militar. A população passava por necessidades, era necessário que fosse feita uma reconstrução política e econômica dentro do país.(NOGUEIRA, 2010, p.2).

---

<sup>2</sup> Tratado no qual foi definido todas as dívidas que os culpados de guerra deveriam pagar aos vencedores, delineando armistícios de paz, e impondo condições a Alemanha, nos quais proibiam a construção de aparatos militares dentre outros. Foi criado também a Liga das Nações. (HOBSBAWN, 1995)

## 2.2 PERÍODO ENTRE GUERRAS: REPÚBLICA DE WEIMAR

A Primeira guerra mundial teve efeito devastador nos países da Europa, no entanto, o estado Alemão foi um dos mais atingidos. Segundo Figueira (2002, p.319), ao contrário do que se esperava após o término do conflito em 1918, a disputa entre as nações mais envolvidas pela hegemonia do mercado mundial ainda não tinha fim.

A República de Weimar conforme Nogueira (2010), iniciada após o término da Primeira Guerra Mundial se constituiu em 3 períodos: o primeiro, de novembro de 1918 a novembro de 1923, foi marcado pela hiperinflação e desordem econômica; o segundo foi de 1923 a 1929, esse período pode ser visto como uma época em que a economia alemã parecia crescer e estar reorganizada; o terceiro período se estendeu de 1929 a 1932, e foi marcado por uma profunda crise bancária, agrícola e industrial. (NOGUEIRA, 2010, p.3)

Para Osório (2010), um marco importante logo de início para a República de Weimar foi à nomeação do defensor da ortodoxia Hjalmar Schacht<sup>3</sup> como ministro da economia, pois esse mostrava-se preocupado com a pressão social anti-inflacionária. (OSÓRIO, 2010, p.4)

Conforme Schacht (1999) citou em uma de suas obras, apenas cinco anos após o fim da primeira guerra a Alemanha se contorcia sob uma febre que ameaçava consumir suas últimas forças. A inflação estava no seu auge, e levava todos ao desespero. (SCHACHT, 1999, p.233. apud. COUTO et al., 2007, p.10)

Nota-se que para Couto e Hackl (2007), o período em que a Alemanha foi obrigada a pagar quantias gigantescas de reparações de guerra que lhe tinham sido impostas pelo Tratado de Versalhes, também foi o início do terror da hiperinflação que passou a corroer o país. É importante ressaltar que segundo os autores, John Maynard Keynes<sup>4</sup> participante da conferência de paz em 1919, inconformado com as impunidades impostas aos perdedores da Grande Guerra, deixou a conferência antes do seu término. Logo após, publicou um livro chamado

---

<sup>3</sup> Hjalmar Horace Greeley Schacht foi um importante político e banqueiro alemão, responsável pelo fim do processo de hiperinflação alemão em 1923. Ainda, foi presidente do Banco central Alemão e Ministro da Economia do Terceiro Reich. (COUTO et al., 2007)

<sup>4</sup> John Maynard Keynes nascido em Cambridge em 1883foi um economista britânico. É considerado até hoje o pai da macroeconomia. Defendia políticas econômicas de estado intervencionista.



“Consequências Econômicas da Paz” onde ficam explícitas as suas ideias. O mesmo deixava a entender que, as cláusulas do tratado não trariam paz, mas sim, novamente uma guerra.

Segundo os autores Keynes calculou a seguinte cifra: 8 bilhões de libras esterlinas, sendo 3 bilhões pelos danos causados pela guerra e 5 bilhões em pensões e indenizações. No entanto, essa cifra foi estipulada em 24 bilhões de libras esterlinas, o que correspondia a 80% das exportações alemães. Schacht considerava esse montante impossível de ser pago, dada a situação econômica da Alemanha. (COUTO et al., 2007, p.6)

Tabela 1: Taxa mensal de inflação na Alemanha de 1919 a 1924

Mês	1919	1920	1921	1922	1923	1924
Janeiro	6,94	56,41	-0,07	5,10	88,68	-7,01
Fevereiro	3,05	34,16	-4,38	11,95	100,68	-0,98
Março	1,48	1,43	-2,76	32,42	-12,48	3,87
Abril	4,38	-8,31	0,90	16,97	6,63	2,8
Mai	3,85	-3,77	-1,36	1,62	56,75	-1,28
Junho	3,70	-8,36	4,43	8,86	137,27	-5,36
Julho	10,06	-1,09	4,54	43,09	285,8	-0,78
Agosto	24,49	60,70	34,24	90,87	1162,31	4,35
Setembro	16,82	3,31	7,82	49,48	2431,67	-5,83
Outubro	14,00	-2,14	19,01	97,21	29607,11	3,14
Novembro	0,64	2,93	38,86	103,89	10121,13	-1,53
Dezembro	18,44	-4,57	2,08	27,82	73,85	1,55

Fonte: VISCONTI (1987, p. 8) apud COUTO et al., 2007, p.7.

Nos primeiros meses de 1919, a taxa de inflação permaneceu num patamar relativamente baixo. Percebe-se que para Couto et al. (2007), esse fator está diretamente relacionado a um aumento do preço nos produtos importados devido a desvalorização do marco-alemão. De 1919 até março de 1921<sup>5</sup>, pode-se dizer que a inflação esteve praticamente estável, com períodos de deflações e algumas altas devido à valorização do dólar (em razão dos acordos fixados em Versalhes). No entanto, os autores reforçam que em 1921 a alta taxa voltou

<sup>5</sup> Bresciani-Turroni (1989) afirma que até 1921 a inflação alemã era decorrente dos seguintes fatores: a) emissão de moeda para cobrir o déficit orçamentário do governo; b) escassez de bens (ocasionado pela guerra); c) elevação dos preços dos bens importados (causado pela alta do dólar); d) reparações de guerra (decorrentes do Tratado de Versalhes). (apud COUTO et al., 2007, p.7)

com força total. Isto se deve a dois acontecimentos: o ultimato de Londres (maio de 1921), que impôs a Alemanha o pagamento de 1 bilhão de marcos-ouro em indenizações; e a transferência da região da Alta Silésia para a Polônia em outubro, que acabou gerando pânico a população e corrida ao dólar (desvalorizando o marco). (COUTO et al. 2007, p.7)

Os autores reforçam que a inflação do período de 1922 foi benéfica para a classe trabalhadora e, para o setor empresarial. Por uma dinâmica um tanto estranha, ele afirma que a inflação fazia a economia alemã crescer absorvendo mão-de-obra.

A inflação e a inexistência da indexação forçavam as famílias a gastar suas rendas tão logo as recebiam. As empresas, por sua vez, investiam imediatamente seus lucros, aumentando a produção industrial rapidamente. O elevado consumo e o alto investimento foram os responsáveis pelo baixo desemprego nessa época. Em meados de 1922, o desemprego havia desaparecido na Alemanha. (BRESCIANI-TURRONI (1989), apud COUTO et al., 2007, p.8)

Contudo, o pior ainda estaria por vir, o autor mostra que a suspensão do pagamento das reparações de guerra pela Alemanha ocorridos em 1922 que acarretaram em desconfiança por parte da população, foram primordiais para o período de hiperinflação que viria a acontecer. Em 1923, com a suspensão dos pagamentos de reparações, a França e a Bélgica tomaram a rica região do vale do rio do Ruhr<sup>6</sup>. A Alemanha, decidida a não aceitar que as empresas de aço e carvão da região produzissem aos seus inimigos, financiava uma resistência para a que as mesmas não o fizessem. Couto et al. (2007, p.9) explicam que, para financiar essa dívida, o governo alemão emitiu papel-moeda, perdendo, assim, o controle das finanças públicas.

“Enquanto Berlim patrocinava uma maciça campanha de resistência passiva, o país descambou para uma hiperinflação e desordem política tão graves que, na altura do outono de 1923, ameaçavam a própria sobrevivência da nação-Estado Alemã como tal.” (TOOZE, 2013, p. 30)

Logo chegou o dia em que era necessária uma nota de 1 bilhão de marcos para comprar uma passagem de bonde. Inúmeras cidades e firmas passaram a imprimir seu próprio ‘dinheiro de emergência’ e com ele pagar despesas. O Banco Central Alemão não pôde recusar-se a aceitar aquele dinheiro em seus caixas e a tratá-lo como de igual valor que as próprias cédulas. Tornou-se impossível controlar o dinheiro de emergência emitido. Toda a circulação de meios de pagamento se tornou um caos. (SCHACHT, 1999, p. 222 apud COUTO et al., 2007, p.9)

---

<sup>6</sup> Maior região industrial da Alemanha.

“Este foi o fator final para deflagrar a hiperinflação aberta em 1923” (ZINI JR. 1993, p.13 apud COUTO et al., 2007, p 9). O período mais caótico foi entre agosto e novembro, pois os preços eram cotados a um indexador estrangeiro, além, dos agentes domésticos investirem suas sobras em moeda estrangeira dificultando a tributação interna. Em novembro de 1923 a taxa de câmbio atingira 4 trilhões de marcos por dólar. O cenário era tão grave, que o *ReichBank*<sup>7</sup> não conseguia atender a demanda por impressões de novas notas.

A inflação elevada tornou a situação do marco insustentável. Era preciso frear os mecanismos que geravam a inflação. Para isso uma nova moeda foi criada em 15 de novembro de 1923, o *Rentemark*. (HARDACH, 1977, p.194 apud NOGUEIRA, 2010, p.4). Nesse dia foi instituído oficialmente a reforma monetária no país. Como um passe de mágica a hiperinflação teve fim. “O sucesso da reforma foi então considerado “o milagre do *rentemark*”. A impressão das notas levou cerca de um mês para ficarem prontas e de imediato a demanda pelas mesmas foi gigantesca; contudo a moeda no início, serviu apenas como indexador.” (FRANCO, 1995 apud COUTO et al. 2007, p.11, grifos do autor)

O segundo passo para o sucesso da estabilização foi o congelamento da taxa de câmbio, em 20 de novembro de 1923, dia histórico da estabilização monetária alemã. Nesse dia, 1 dólar alcançou a cotação de 4,2 trilhões de marcos, e 1 *rentemark* foi cotado a 1 trilhão de marcos. Dessa forma, 1 *rentemark* seria igual a 4,2 dólares. (COUTO et al. 2007, p.11, grifos do autor)

No entanto, a reforma monetária tinha alguns obstáculos a enfrentar para que a nova moeda tivesse uma transição de instável pra estável. Segundo Stolper (1942), havia uma série de obstáculos a serem enfrentados: estabelecimento do nível de confiança; obtenção de empréstimos no exterior para estabilização das reservas; trégua nas lutas sobre as reparações e um relaxamento no pagamento das mesmas. (apud NOGUEIRA, 2010, p.4)

O passo seguinte de Schacht foi criar um banco de desenvolvimento para Alemanha, que pudesse emprestar recursos visando a produção industrial e acelerar a economia. Para tanto, ele precisava de um empréstimo em moeda estrangeira para criação de tal. Couto et al. (2007) reforça que no começo de 1924, Schacht se encontrou com o presidente do Banco Central da Inglaterra para expor suas ideias sobre a criação do novo banco de emissão baseado totalmente no ouro.(COUTO et al. 2007, p.13)

---

<sup>7</sup> Banco Central Alemão

O *Golddiskontbank*<sup>8</sup> foi oficialmente criado em 13 de março de 1924, e sua direção estava nas mãos do *Reichsbank*: “Até a derrota no ano de 1945, o banco contribuiria com sucesso, como um instrumento do *Reichsbank*, para o apoio da moeda e para o fomento da exportação alemã” (Ibid., 2007, p.14, grifos do autor)

Já os problemas de pagamentos de reparações de guerra e crédito foram resolvidos pelo Plano Dawes que foi aceito em 1924. Conforme Tooze (2013), a comissão Dawes reunida em Paris em 1924, foi primeiro êxito de Stresemann<sup>9</sup>. Para Nogueira, o plano teve três finalidades: i) reduziu as anuidades das reparações a quantidades aparentemente suportáveis; ii) reconheceu que a nação alemã necessitava de um intervalo de tempo para se recuperar economicamente; iii) injetou capital na forma de um grande empréstimo inicial à Alemanha no valor aproximado de 200 milhões de dólares. (STOLPER, 1942, p.153 apud NOGUEIRA, 2010, p.5)

J.P. Morgan fez sua parte mobilizando um entusiástico voto de confiança de Wall Street, com um empréstimo inicial de 100 milhões de dólares pelos quais houve uma massiva e excessiva procura. O restabelecimento do *reichmark* com lastro em ouro, à paridade de antes da guerra contra o dólar acabou com a instabilidade da moeda alemã. (TOOZE, 2013, p.34)

“As ações constituintes do Plano Dawes estabeleceram as condições favoráveis para um período de reparação sem igual em alcance e intensidade” (NOGUEIRA, 2010, p.5). Para Tooze (2013), em termos econômicos, a agenda definidora do nacionalismo alemão, a partir do Plano Dawes de 1924, era o repúdio às obrigações internacionais da Alemanha, primeiro as reparações e, em seguida, os créditos internacionais tomados desde o início da década de 1920 para fazer face á todas aquelas obrigações. (TOOZE, 2013, p.57)

O sucesso econômico da economia alemã a partir de 1924 fez com que capitais externos comesçassem a entrar no país. Contudo, o autor salienta que com o tempo, os países perceberam que as reparações não estavam sendo realmente pagas, pois a Alemanha quitava as dividas com o dinheiro emprestado, e não com o que excedia na balança comercial. Diante de tais acontecimentos, uma nova conferencia foi marcada para 1929. (TOOZE, 2013, p.45)

Em 30 de agosto de 1924, foi promulgada a lei que introduzia o *reichsmark* como moeda oficial alemã a partir de 11 de outubro de 1924. Sua relação de paridade seria de 1 *reichsmark* para cada 1 *rentenmark*. O processo de substituição do *rentenmark*

---

<sup>8</sup> O banco estatal *Golddiskontbank* seria o correspondente no Brasil ao BNDES.

<sup>9</sup> Gustav Stresemann foi um político alemão. Ocupou o cargo de chanceler da República de Weimar e recebeu em 1926 o prêmio Nobel da Paz.

pelo *reichsmark* se deu de forma lenta, tendo sido fixado um limite máximo de dez anos para a retirada completa do *rentenmark*. Até 23 de agosto de 1926, o *reichsmark* manteve a paridade cambial como forma de garantir a equivalência com o dólar. A partir dessa data, esse sistema de âncora cambial foi abandonado e a taxa cambial passou a flutuar de acordo com as condições de mercado. (BRESCIANI-TURRONI, 1989 apud COUTO et al. 2007, p13)

Nesse mesmo período na Inglaterra, segundo Ferrari Filho (2006), Keynes preocupado com o elevado desemprego na Europa apresenta uma proposição de reestruturação da ordem econômica mundial. Essa estava centrada nos seguintes pontos: revisão do Tratado de Versalhes, principalmente das questões pertinentes às reparações de guerra (especificamente Keynes propunha um cancelamento das dívidas de guerra); reorganização do comércio internacional em conformidade ao sistema do livre comércio e, uma reforma monetário-financeira para assegurar uma maior elasticidade da liquidez internacional e por consequente estabilizar as taxas de câmbio. (FERRARI FILHO, 2006, P.217)

Na Alemanha diante de tais acontecimentos, uma nova conferência foi marcada para 1929. Couto et al. (2007) mostram que a conferência foi presidida por Owen Young, e está tinha dois objetivos: i) referia-se ao valor que a Alemanha deveria pagar de reparações ao ano; ii) dizia respeito a quantidade de moeda estrangeira que a Alemanha poderia transferir, sem prejudicar sua economia. (COUTO et al. 2007, p.17).

Durante a conferência, Schacht propôs a criação de um banco internacional que seria responsável pela distribuição dos pagamentos de reparação, mas também por empréstimos que seriam fornecidos a países subdesenvolvidos que pudessem se industrializar, conseqüentemente dessa forma, estes comprariam equipamentos da Alemanha.

No final da Conferência, Schacht não queria assinar o Plano Young, porque achava “inexequível” o valor estipulado das reparações: “Estava claro para todos, com exceção de alguns fanáticos, que o Plano Young era um absurdo econômico” (SCHCHT, 1999, p. 311 apud COUTO et al. 2007, p.17). No entanto, o governo alemão deu ordens a Schacht para que assinasse o acordo que libertaria a região da Renânia no vale do rio do Ruhr ocupada pelos aliados e reduziria as taxas de reparações em média 1,5 bilhão de marcos-ouro por ano.

Assinado no dia 7 de julho de 1929, o Plano Young reduziu as reparações em média a 1,5 bilhão de marcos-ouro por ano, os controladores estrangeiros saíram da Alemanha, os bens sob administração externa foram liberados e ficou aprovada a criação de um banco de compensações de pagamentos. Não obstante, o grande fator negativo era o valor estipulado para as reparações: 121 bilhões de *reichsmark* (US\$ 26,4 bilhões), a serem pagos em 58 anos (Ibid., 2007, p.18).

Entre Outubro e Novembro do mesmo ano, os participantes da conferência se reuniram na cidade alemã de Baden-Baden para criar o *Bank for international Settlements* (BIS<sup>10</sup>). Foi Schacht quem sugeriu que o banco fosse sediado na Suíça. Este limitou-se a distribuir os pagamentos das reparações de guerra entre os aliados e a executar a cooperação entre os bancos centrais. (Ibid., p.18, grifos do autor)

“Em 1929 o período denominado Anos Dourados da República de Weimar chega ao fim” (HARDACH, 1977: 196 apud NOGUEIRA 2010, p.5). Em outubro de 29, uma crise catastrófica se instala em Wall Street, tendo abrangência em todo o mundo. Segundo Landes (1994), a crise interrompeu a entrada de capital para o estado Alemão, provocando consequentemente uma queda nos preços das ações industriais e das mercadorias, além do preço dos produtos agrícolas. Para Nogueira (2010), esse acontecimento foi primordial para abalar o cenário econômico da Republica de Weimar.

### 2.2.1 Curva de Phillips: hiperinflação e desemprego

Com o término da Primeira Guerra mundial em 1919 a Alemanha intercalou momentos de fragilidade e recuperação. Contudo, percebe-se que para os autores os momentos de hiperinflação foram os que mais deflagraram e marcaram o país.

Segundo Blanchard (2004) em 1913 o total de moeda em circulação na Alemanha era de 6 bilhões de marcos. Em outubro de 1923, no auge da hiperinflação, 6 bilhões de marcos não eram suficientes para se comprar um pão de centeio em Berlim. Um mês mais tarde, esse preço subia para 428 bilhões de marcos. (BLANCHARD, 2004, p.489)

Para explicar essa situação Couto et al. (2007) afirmam que os momentos mais caóticos de hiperinflação no país aconteciam quando o governo emitia moeda para financiar a resistência das empresas do vale do rio do Ruhr para não produzirem para a França, ou mesmo quando precisavam pagar altas quantias em reparações de guerras que haviam sido estipuladas pelo Tratado de Versalhes. Para pagar essas quantias gigantescas o governo alemão pegava dinheiro emprestado de outros bancos, como por exemplo os bancos norte-americanos.

---

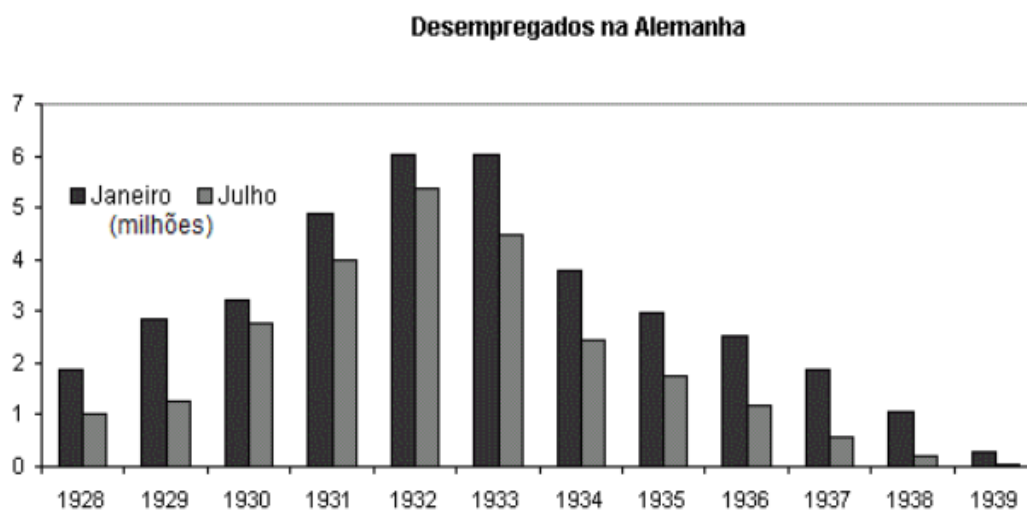
<sup>10</sup> É uma organização internacional que visa promover a cooperação entre os Bancos Centrais e outras agências na busca de estabilidade financeira e monetária. Para compreender mais sobre o assunto acessar: [www.bis.org](http://www.bis.org)

Contudo a hiperinflação não era o único motivo que assustava a população. Segundo Tooze (2013) o índice de desemprego no país era muito elevado. Até 1933, 6 milhões de pessoas estavam beirando a miséria devido ao fato de estarem desempregadas. (TOOZE, 2013, p.80)

Quando a inflação torna-se alta demais, seus efeitos adversos passam a dominar o sistema de transações, que acaba se tornando menos eficiente. Um exemplo famoso de troca ineficiente é a história das pessoas que, no final da hiperinflação alemã, usavam carrinhos de mão para levar o dinheiro necessário para realizar suas transações. Outro efeito sentido segundo o Blanchard (2004) é que os preços tornam-se cada vez menos úteis, pois alteram-se com muita frequência, então produtores e consumidores acabam tendo dificuldades para avaliar os preços relativos dos bens e tomar decisões sensatas. (BLANCHARD, 2004, p.498)

A inflação e o desemprego estão interligados. A inflação é conceituada como um processo monetário, e o desemprego é causado por diversos fatores.

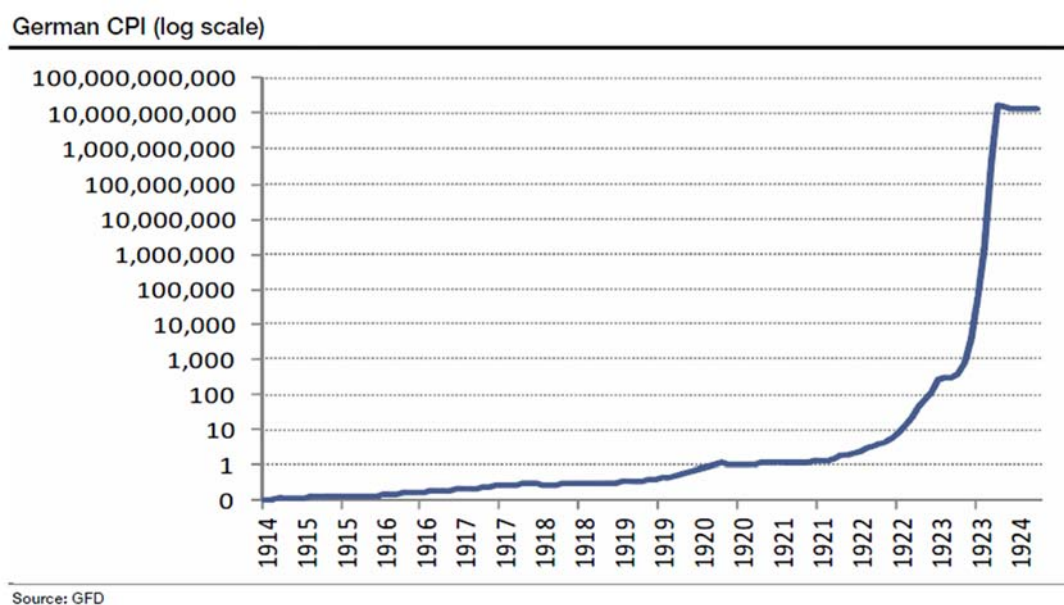
Figura 4: Desemprego na Alemanha entre 1928-1939



Fonte: TOOZE (2013, p.79)

A figura 1 mostra a situação crítica do país que se estende desde 1919 até 1933, onde o número de desempregados chega a ultrapassar 6 milhões. O desemprego e a inflação são duas variáveis macroeconômicas que foram melhores explicadas pela Curva de Phillips, aceita e reconhecida em 1958, onde é apresentada a relação inversa entre as duas variáveis. Uma inflação alta acarreta em desemprego baixo e vice-versa. No entanto segundo os autores, no período entre guerras da Alemanha, essa relação passou a ser inexistente em alguns momentos de alta inflação e desemprego elevado.

Figura 2: Hiperinflação Alemã (1914-1924)



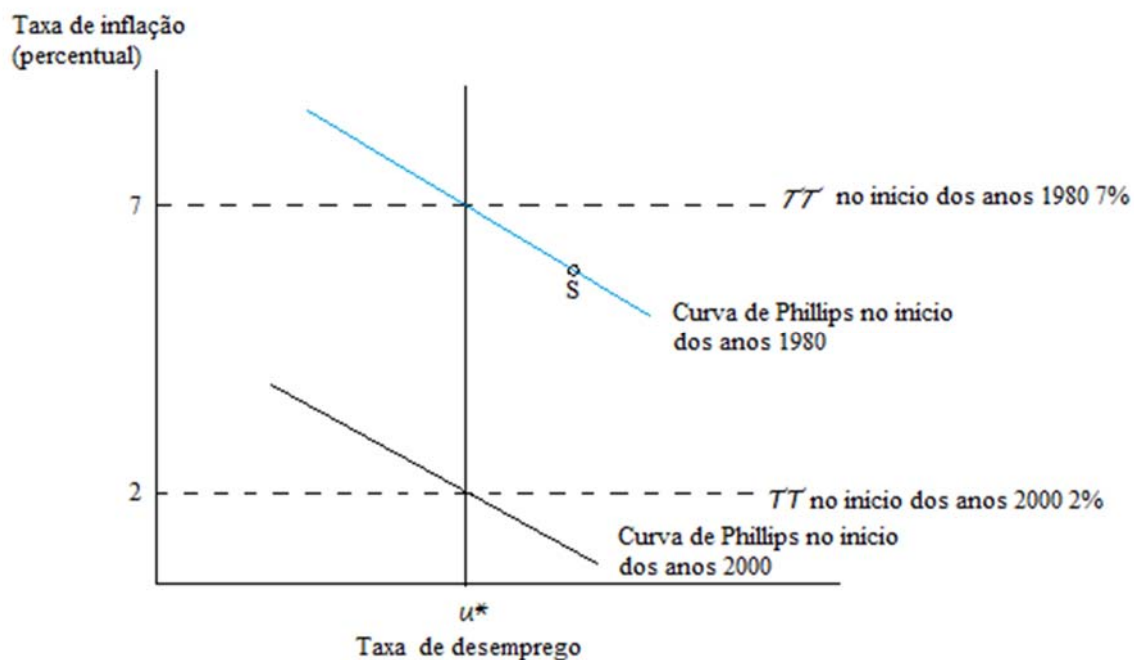
Fonte: GFD

Na figura 2 pode-se perceber como fica evidente a situação crítica em que se encontrava a Alemanha no período após a Primeira Guerra Mundial. A taxa de inflação parcialmente controlada até meados de 1922 dispara de forma significativa e só volta a começar a se estabilizar em 1924, devido a políticas econômicas adotadas pelo governo.

Estagflação é um termo cunhado para denotar o desemprego elevado (“estagnação”) e a inflação alta. Ela ocorre segundo Dornbusch e Fisher (2013) quando há uma recessão mais uma taxa de inflação elevada. Isto é, quando a economia se move para a direita sobre uma curva de Phillips que inclui um componente importante de inflação esperada. (DORNBUSCH, 2013, p.121)



Figura 3: As expectativas de inflação e as curvas de Phillips no curto prazo



Fonte: (DORNBUSCH et al., 2013, p.120)

Nesse caso em 1982 como mostra a figura 3, o desemprego estava acima de 9% e a inflação era de aproximadamente 6%. O ponto S do gráfico é um ponto de estagflação. Segundo os autores, é fácil compreender como ela ocorre. Uma vez que a economia está sobre uma curva de Phillips que possui uma inflação esperada significativa, uma recessão reduzirá a inflação efetiva abaixo da esperada (por exemplo, um movimento para a direita sobre a curva de Phillips da década de 1980), mas o nível de inflação absoluto permanecerá elevado. (DORNBUSCH et al., 2013, p.120)

A hiperinflação alemã pode ser explicada de acordo com Helfferich, à luz da Balança de Pagamentos (LAIDLER e STADLER, 1998). A balança de pagamentos alemã desfavorável (como resultado das dificuldades de se obter crédito, necessidade de se importar produtos agrícolas e minerais somado ao pagamento de reparações em espécie) foi a causa da depreciação da taxa de câmbio do marco. Este fato resultou em aumento de preços e salários, e conseqüentemente em escassez de moeda em circulação. O Banco Central Alemão, para evitar uma quebra nas relações econômicas, passou a emitir moeda a fim de aumentar o meio circulante e facilitar as transações com o nível de preços elevado. (NOGUEIRA, 2010, p.4)

Tabela 2: Cotação do Dólar (US\$ 1,00)

		marcos
Julho	1914	4,2
Janeiro	1919	8,9
Julho	1919	14,0
Janeiro	1920	64,8
Julho	1920	39,5
Janeiro	1921	64,9
Julho	1921	76,7
Janeiro	1922	191,8
Julho	1922	493,2
Janeiro	1923	17.972,0
Julho	1923	353.412,0
Agosto	1923	4.620.455,0
Setembro	1923	98.860.000,0
Outubro	1923	25.260.208.000,0
Novembro	1923	4.200.000.000.000,00

Cálculo em termos de cotações Suíças

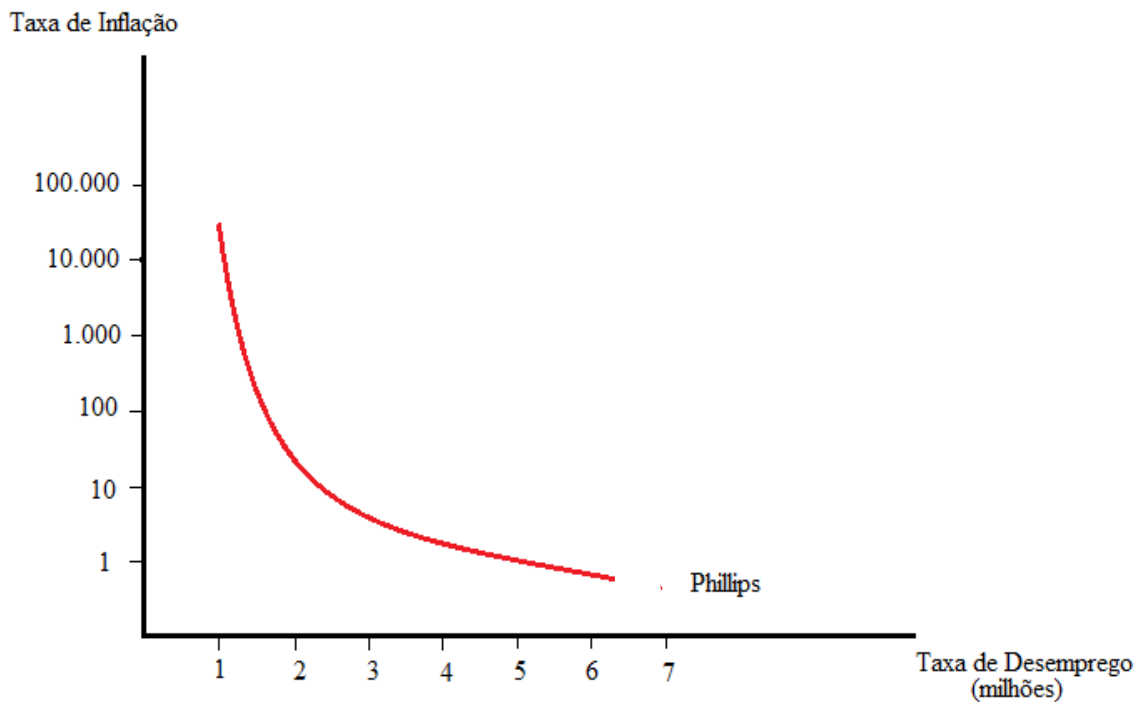
Fonte: STOLPER, 1942, p. 137 apud NOGUEIRA, 2010, p.6

Para conter a inflação, Hjalmar Schacht utilizou diversos mecanismos como foi citado na seção anterior. O primeiro deles foi à reforma monetária e, sucessivamente os Planos Dawes e Young os quais implicaram em uma redução milagrosa da inflação.

Contudo em 1929 uma crise catastrófica se instala em Wall Street e abala todo o mundo. Na Alemanha em específico, segundo Nogueira (2010) a crise interrompeu a entrada de capital para o estado alemão provocando queda nos preços das ações industriais, mercadorias e produtos agrícolas. A combinação desses fatores acarretou significativamente o cenário econômico da República de Weimar. (Ibid., 2010, p.5)

Os efeitos materiais foram similares tanto para os trabalhadores como para a classe média. “Os trabalhadores perderam seus empregos e os comerciantes e artesãos, que dependiam diretamente do poder de compra da população, viram seus lucros caindo cada vez mais. Os fazendeiros mal conseguiam garantir a própria subsistência, com a redução continuada dos preços dos produtos agrícolas.” (PETZINA, 1969, p.70 apud NOGUEIRA, 2010, p.5)

Gráfico 1: Curva de Phillips (Alemanha 1923-1933)



Fonte: Minha autoria. Dados (TOOZE, 2013)

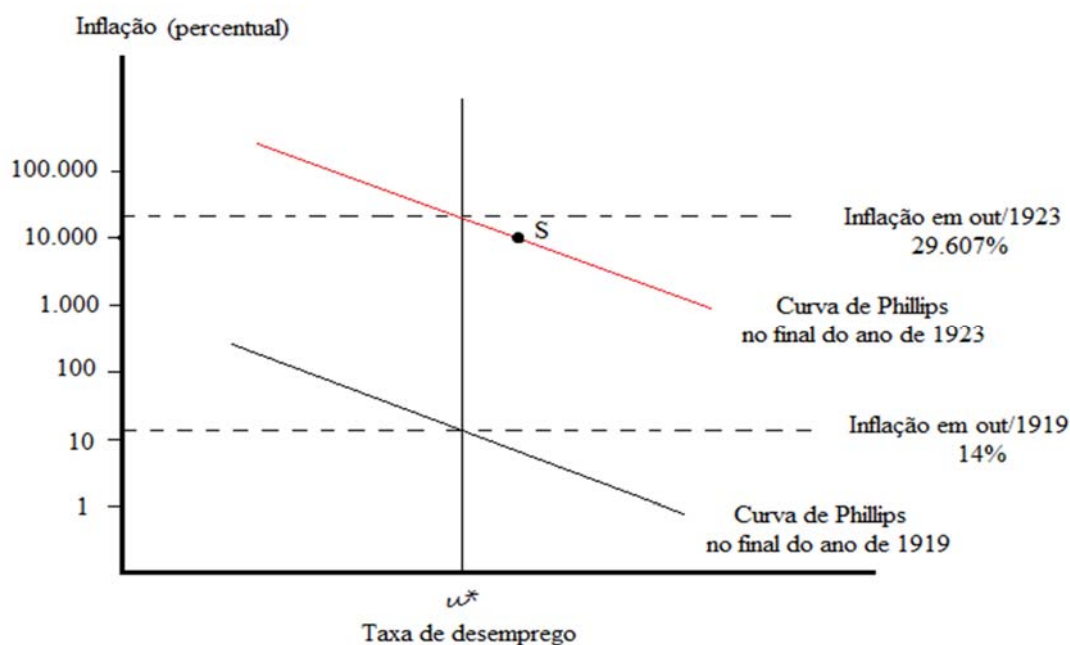
No gráfico 1 pode-se perceber claramente a relação inversa entre a inflação e o desemprego. Segundo Dornbusch et al. (1990), quanto menor a taxa de inflação, maior é o desemprego. Esse processo aconteceu na Alemanha entre 1923, quando a inflação chegou a marcar 29.607,11 e o desemprego crescia para quase 1 milhão. Após esse período, através de políticas macroeconômicas utilizadas por Schacht para frear a inflação, percebe-se que esta começa a declinar, no entanto, o desemprego sobe de maneira drástica e assustadora, chegando a 6 milhões, confirmando a teoria de Phillips.

Os autores reforçam que no período de 1919 após a Primeira Guerra Mundial, até 1923, o qual foi marcado pela hiperinflação, miséria e desemprego elevado comparado a índices anteriores a guerra, o que aconteceu no país foi justamente o contrário da explicação de Phillips. Foi nesse período, mais especificamente no ano de 1923 em que aconteceu o período de estagflação na Alemanha.

Para Nogueira (2010), o início da República de Weimar foi marcado pela inflação fora de controle e também pelo caos que havia se instalado no país após a primeira guerra, onde pessoas estavam desempregadas e beiravam a miséria. Com o final da guerra, o índice de

desemprego começou a crescer de forma significativa e a inflação disparou de forma incontrolada.

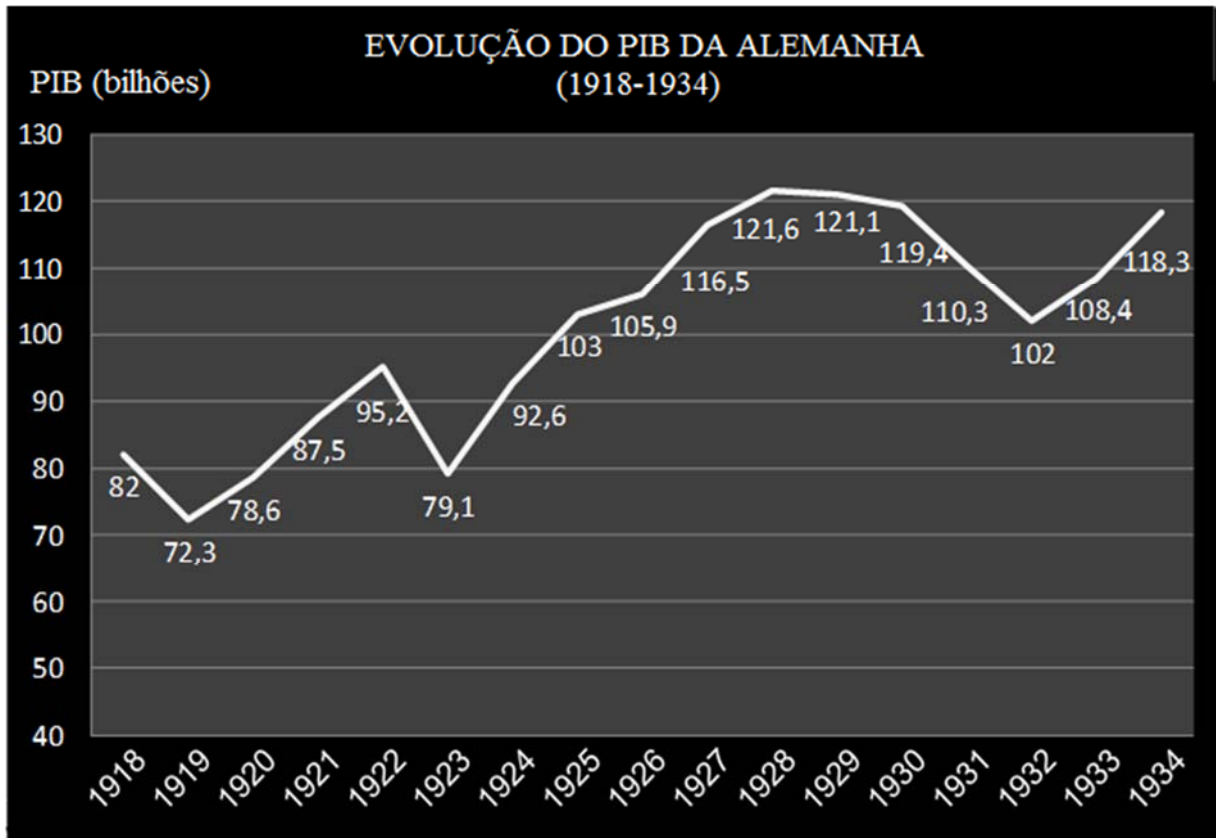
Gráfico 2: Estagflação 1919-1923



FONTE: MINHA AUTORIA. Dados (COUTO et al., 2007)

O gráfico 2 mostra a inflação no final de 1923 marcando 29.607%, enquanto o desemprego que beirava a taxa de 14% começava a se mostrar elevado em relação a taxa de 1919 que era de aproximadamente 6%. O ponto S indica um ponto de estagflação para a economia alemã, o desemprego está elevado, a inflação descontrolada e o PIB tem uma queda de 16,91% como mostra o gráfico a seguir, onde este cai de 95,2 bilhões de dólares para 79,1 bilhões e, só volta a crescer após a estabilização da moeda alemã e controle total da inflação em 1924. Contudo, como mostra o gráfico 1, a relação inversa entre inflação e desemprego proposta por Phillips volta a aparecer. O desemprego dispara em questão de anos, assustando o povo alemão com quase 40% de desempregados.

Figura 4: Evolução do PIB da Alemanha (1918-1934)



FONTE: TOOZE, 2013

O PIB da Alemanha mostrou períodos de crescimento assim como de baixa. Nota-se na figura 4 que entre 1918 e 1919, período em que o país ainda estava em guerra o Produto Interno Bruto do país teve uma queda. A partir de 1919 ele evoluiu constantemente até 1922 onde chegou a marcar 95,2 bilhões. Em 1923 teve uma baixa considerável de 95,2 para 79,1 bilhões, período esse de estagflação no país, onde o PIB não crescia, o desemprego estava elevado e a inflação descontrolada. No entanto, a partir de 1923 até 1928 este mostrou estar se recuperando ainda do colapso sentido pela guerra e pela hiperinflação. Entre 1928 e 1932 ele voltou a cair em decorrência do alto nível de desempregados que chegou a 6 milhões. A partir de 1932 voltou a crescer devido a políticas econômicas nazistas voltadas para o combate ao desemprego, produção, investimentos e consumo.

## 2.3 TERCEIRO REICH: POLÍTICAS ECONOMICAS NAZISTAS

Em 1º de fevereiro de 1933, dois dias após sua nomeação, Adolf Hitler gravou seu primeiro pronunciamento nacional pelo rádio. A partir desse momento, a República de Weimar tinha fim e um novo período se iniciava na Alemanha. O partido nazista passava então a tomar o poder e reformular todo sistema econômico, político e até mesmo social do país, que dentro de anos se denominaria Terceiro Reich<sup>11</sup>. Tooze (2013) afirma que como políticas específicas, Hitler deixou claro que criaria um programa de quatro anos para resgatar os camponeses alemães da pobreza e superaria o desemprego dos operários do país. Garantiu também a manutenção do sistema de saúde e previdência. (TOOZE, 2010, p.67)

O projeto inicial nazista mostrava a toda população alemã que a prioridade inicial era a recuperação econômica. Contudo, Feijó (2009), acredita que ainda em tempos de paz, o Terceiro Reich já se encaminhava para a guerra. Hitler, segundo o autor, não entendia nada de economia, mas sabia que o povo alemão desejava trabalho e orgulho pelo país. (FEIJÓ, 2009, p.1)

O projeto econômico nazista priorizava dois eixos: o primeiro deles era o combate ao desemprego. De fato, quando o partido nazista assumiu o poder, em 1933, havia 6 milhões de desempregados, um terço dos trabalhadores. O nível mais alto de desemprego havia sido atingido na primavera de 1932, tendo então se estabilizado neste patamar. (ABELSHAUSER, 2000 p. 123-124 apud FEIJÓ, 2009, p.2)

Feijó (2009) afirma que, desde o começo da implantação do nazismo, o *Führer*<sup>12</sup> (como se autodenominava Adolf Hitler), já pensava em uma amalgama entre programas que juntassem a criação de empregos e de rearmamento. Ele resolveria o problema econômico com a questão militar. O autor acrescenta que Schacht convenceu Hitler de que a criação de postos de trabalho economicamente úteis, teria procedência sobre empregos com ênfases militares. (Ibid, 2009, p.4)

Para o autor, fica explícito, que desde o começo da caminhada política de Hitler, sua maior pretensão não era apenas chegar ao poder, mas sim, vingar seus ressentimentos políticos e econômicos com relação à derrota alemã da Primeira Guerra. Para isso, ele utilizou de meios sociais, declarando-se adepto da criação de postos de trabalhos e melhorias sociais

---

<sup>11</sup> Nome dado a todo território alemão que fora conquistado pelo partido nazista a partir de 1933.

<sup>12</sup> Em alemão: guia, líder.

para o país como forma de camuflar seu verdadeiro objetivo, que era reconstruir o poderio militar alemão. (TOOZE, 2013, p.81)

O período dos nazistas no poder é marcado por uma série de grandes obras públicas, de infraestrutura, créditos e financiamentos para empresas expandirem seu capital, bem como construção civil. Para Martins (2010) o período inicial do nazismo na Alemanha foi, em suma, a superação do desemprego e o fortalecimento do Estado. (MARTINS, 2010, p.12)

Tooze (2013), afirma que apenas três temas uniam à direita-nacionalista e tornaram possível o governo de Hitler: a prioridade do rearmamento, o repúdio as dívidas alemãs no exterior e a salvação a agricultura germânica. Eram esses os assuntos que tinham dominado a agenda da ala direita na década de 20. Para o autor, fica claro que o que marcou a linha divisória entre o fim da República de Weimar e o início do Terceiro Reich foi à ação de Hitler em relação à criação de postos de trabalho. (TOOZE, 2013, p.55)

Conforme Feijó (2009), as políticas adotadas pelo partido nazistas não implicavam em uma reformulação radical e total do sistema econômico herdado pela República de Weimar, houveram algumas mudanças de natureza tributária e fiscal e o repúdio ao livre mercado. O crédito ao consumo passou a ter uma papel fundamental em políticas de estilo keynesiano de expansão da demanda agregada via gastos públicos que, visavam sair do período de depressão que vinha se prolongando desde 1928. (FEIJÓ, 2009, p.3)

Como o desemprego preocupava imensamente Adolf Hitler, este chamou Schacht para reassumir a presidência do *Reichbank* e incentivar políticas de combate ao desemprego. A posição de Schacht sobre a criação de empregos e inflação de créditos era complexa. Ele não tinha apreço pelos planos públicos, mas, concordava que a política monetária precisava ter um papel criativo. (TOOZE, 2023, p.71)

Para financiar a criação de empregos e a recuperação da economia alemã, Schacht evitou uma emissão volumosa de papel-moeda que pudesse ressuscitar um novo processo inflacionário, fato com o qual o povo alemão não iria concordar sem se manifestar, dado o passado recente da hiperinflação. Assim, elaborou o que ficou conhecido como “Saques Mefo”: como o governo não tinha naquele momento credibilidade necessária para captar recursos mediante a emissão de títulos públicos, Schacht forjou a criação da *Mettalurgische Forschungsgesellschaft m.b.H. – Mefo*, em maio de 1933. Tratava-se de uma sociedade anônima formada pelas quatro grandes empresas alemãs (Siemens, Gutehoffnungshütte, Krupp e Rheinmetall), com capital inicial de 1 milhão de marcos. (COUTO et al., 2007, p.21-22).

Conforme Couto et al. (2007), o sistema funcionava da seguinte forma: as empresas privadas emitiam títulos (Saques Mefo), garantidos pelo governo e que poderiam ser

descontados nos bancos alemães. O banco por sua vez, poderia trocar o Saque Mefo por marcos diretamente no caixa do *Reichbank*. Os títulos pagariam juros de 4% ao ano. O governo alemão com a posse desses títulos, passou a pagar suas despesas com empresas fornecedoras através dos Saques Mefo. Segundo os autores, o programa foi um sucesso. Em poucos meses foram emitidos 4 milhões de marcos em Saques Mefo, os recursos, de imediato foram aplicados em obras públicas e logo em seguida, no rearmamento. (Ibid., 2007, p.22)

“Schacht soube entender o que mais tarde ficou conhecido por multiplicador keynesiano: os Saques Mefo geravam demanda efetiva e, portanto, aumentava a produção e o volume de empregos” (Ibid., p. 22).

Segundo Shirer (1964) a sabida magia de Schacht nas finanças foi posta a trabalhar para custear a preparação do Terceiro Reich para a guerra. As emissões de títulos bancários constituíram apenas um de seus expedientes. Manipulava a moeda de modo tão mágico que certa vez economistas estrangeiros estimaram que ela tinha 237 valores diferentes. (SHIRER, 1964, p.387)

Contudo, Tooze (2013) afirma que os temas “keynesianos” de postos de trabalho nunca foram proeminentes na agenda do governo de Hitler como se supõe. As maiores decisões de políticas econômicas tomadas em 1933-34 não se referiam ao desemprego e sim a dívidas externas da Alemanha, sua moeda e rearmamento. (TOOZE, 2013, p.63)

É importante ressaltar que ainda em 1933 quando Hitler suspendeu os pagamentos da dívida externa, os ânimos mundiais começaram a se alterar. O próprio Roosevelt naquela época o descreveu como um tolo medíocre. (Ibid., 2013, p.83)

A aplicação das políticas de receituário Keynesianas impostas com a finalidade de contornar as falhas do sistema liberal de até então, passaram a fazer parte significativa da economia, que passou a possuir três estratégias para o combate ao desemprego: medidas de expansão do crédito, de incentivos fiscais e políticas específicas de investimento. (Ibid., p.71)

Em condições de emprego de massa, o financiamento de gastos governamentais por meio de créditos novos resultariam em maior demanda real mais produção e emprego, em vez de inflação. A arte da política econômica era fornecer a dose correta de estímulos financiado por meio de crédito, mas não uma quantidade excessiva que levasse a economia ao pleno emprego e produzisse uma corrida inflacionária. (TOOZE, 2013, p.74)



Segundo Feijó (2009), do lado do crédito se estimulou a indústria de bens de consumo e, ao mesmo tempo, incentivou-se a expansão demográfica. Do lado tributário foram removidos os impostos sobre veículos, a fim de estimular a produção. Já nos investimentos, o financiamento público bancou a construção de estradas, prédios públicos, na indústria de transporte, e algo para o rearmamento. (FEIJÓ, 2009, p.4)

Ao que tudo indica, a gestão nazista começou com mudanças de forma discreta. Alguns ministérios foram fundidos, o sistema bancário e o mercado de capitais passaram a ficar sob o controle do governo.

No mercado de trabalho o governo impôs que os salários fossem congelados, as greves proibidas, os sindicatos abolidos. As empresas faziam parte de um leque hierárquico onde tudo estava sob os olhares da câmara econômica do Reich. Couto e Hackl (2007) afirmam que nessa época à Alemanha já tinha dificuldades para atender a demanda por alimentos interna e, necessitavam de importações para atender a todo mercado. (COUTO et al., 2007, p.24)

Na altura de 1934, a recuperação geral da economia alemã foi visivelmente muito além dos canteiros de obras dos esquemas de criação de emprego. Tooze (2013) afirma que para compreendermos essa evolução econômica do país durante sua recuperação precisamos entender quais componentes econômicos mais favorecidos em relação a República de Weimar.

Tabela 3: Crescimento econômico da Alemanha nazista

	1932	1933	1934	1935
PIB A PREÇOS DE 1913	43,1	46,3	51,5	57,8
dos quais:				
Militares do <i>Reich</i>	0,3	0,5	2,9	5,5
Civis do <i>Reich</i>	1,3	2,1	2,8	2
Governo local	4,7	5,5	5,7	5,2
Consumo privado	39	37,6	38,2	40,5
Investimento privado	1,1	3,6	5,5	7
Contas externas	-3,2	-2,9	-3,6	-2,4
Modificações anuais do PIB e componentes da demanda				
PIB em bilhões de <i>reichmarks</i>				
PIB	-	3,2	5,2	6,2
Militares do <i>Reich</i>	-	0,1	2,5	2,6
Civis do <i>Reich</i>	-	0,9	0,7	-0,8
Governo local	-	0,8	0,2	-0,5

Consumo privado	-	-1,5	0,6	2,3
Investimento privado	-	2,5	2	1,5
Contas externas	-	0,4	-0,7	1,1
Parcela de crescimento do PIB devido a (%)				
Militares do <i>Reich</i>	-	4,2	47	41,6
Civis do <i>Reich</i>	-	27	13,1	-13,1
Governo local	-	24,6	4,1	-7,4
Consumo privado	-	-45,9	11,7	37,1
Investimento privado	-	79	37,4	23,6
Contas externas	-	11,2	-13,4	18,2
Total da contribuição do setor público	-	55,7	64,3	21,1
Total da contribuição do setor privado	-	44,3	35,7	78,9

FONTE: A. Ritschl. *Deutschlands Krise und Konjunktur 1924-1934* (Berlim, 2002) apud TOOZE (2013, p.95)

Para combater a escassez alimentar Schacht criou o chamado “Novo Plano” ou Primeiro Plano Quadrienal, onde, as importações dependiam das exportações industriais. Essas transações seriam feitas com países com os quais a Alemanha já mantinha comércio exterior. Assim segundo os autores, apesar das críticas, em 1935 somente 17% das importações eram pagas em moedas estrangeiras. Os outros 83% do comércio alemão eram efetuados por meio de troca. (Ibid., p.24) Por fim, em meados de 1935 o país já começava a se desenvolver com sua nova política de rearmamento e, realizava algumas incursões referidas ao exército. (MARTINS, 2010, p.13)

No ano seguinte Hitler lançou o segundo Plano Quadrienal, e convocou Hermann Göring<sup>13</sup> para sua execução, já que Schacht era contra planos quadrienais: “Alcançavam uma mínima parte de seus objetivos” (SCHACHT, 1999, p.616 apud COUTO et al., 2007, p.24). Foi a partir dessa data que Schacht começou a perder influência com Hitler.

“Hitler me concedeu no Ministério a mesma liberdade e autonomia que tinha no *Reichsbank*. Não entendia absolutamente nada de economia. Contanto que eu mantivesse a balança comercial em ordem e providenciasse as divisas necessárias, não se preocupava como eu conseguia fazê-lo. Até o outono de 1936, Hitler não tolerou nenhuma medida que me atingisse em meu trabalho. Depois houve o chamado

<sup>13</sup> Político e militar alemão. Líder do partido nazista e antigo veterano de guerra. Piloto de aeronaves durante a Primeira Guerra Mundial.

‘segundo Plano Quadrienal’, que provocou rapidamente minha saída do Ministério da Economia”. (SCHACHT, 1999, p. 398 apud Ibid., 2007, p.24, grifos do autor)

O Primeiro plano Quadrienal, segundo os autores buscou uma retomada do crescimento econômico, estabeleceu um monopólio estatal cambial, priorizou a importação de alimento e itens estratégicos para o insipiente rearmamento. O plano teve como principal protagonista Schacht e o *Reichbank* com a injeção de recursos via financiamento na economia civil. A reintegração dos 6 milhões de desempregados através de investimentos em construção civil e indústrias de bens de consumo, teria um impacto considerável na economia. Conforme Feijó (2009), mesmo com os salários congelados, a expansão da massa salarial acarretou em um crescimento da demanda privada de modo que já em 1936 havia insuficiência de oferta. (FEIJÓ, 2009, p.6)

Então como forma de frear a alta demanda, o governo interviu novamente com as novas políticas do Segundo Plano Quadrienal, liderado por Göring. Na condução do plano, foram mantidos e intensificados os mecanismos de controle criados no plano anterior. Os preços e salários continuaram controlados rigidamente e ampliou-se a regulamentação dos investimentos com proibições e impostos. Basicamente, o objetivo de Göring era o rearmamento, além de deixar a economia pronta em quatro anos para a Guerra. De acordo com Couto e Hackl (2007) Schacht criticou o plano e as políticas de gastos internos que afetam as exportações do novo líder, e então sem hesitar pediu demissão do cargo, contudo Hitler não aceitou e decidiu colocá-lo em outro ministério. (COUTO et al., 2007, p.25)

Para Tooze (2013) Hitler deixa claro a intenção do SPQ quando menciona no final de um memorando em 1936 a dupla missão do novo plano econômico:

1. O exército alemão deve estar em condições operacionais dentro de quatro anos.
2. A economia alemã deve estar preparada para a guerra dentro de quatro anos.

Assim Hitler deixa clara sua posição desde 1920, onde a salvação final da Alemanha seria mediante conquistas e não via comércio. (TOOZE, 2013, p.263)

O segundo plano buscou a substituição de importações, priorizou a ampliação de indústrias como petroquímica, óleo sintético, borracha vulcanizada, alumínio, mineração de ferro e siderurgia. Os investimentos se deslocaram da construção civil e bens de consumo para indústrias de produção de armamento. Contudo, Feijó (2009) ressalta que o eixo maior do plano buscava estimular a produção bélica sem que esta causasse prejuízos ao padrão de vida alcançado pela recuperação econômica anterior. (FEIJÓ, 2009, p.7)

Tabela 4: Plano Quadrienal: nível de despesas propostos

	Plano II (janeiro 1937)		Plano III (maio 1937)		Plano IV (dezembro 1937)	
	milhões RM	%	milhões RM	%	milhões RM	%
Óleo Mineral	1.438	16,7	19.89	22,6	2.648	28,3
<i>Buna</i> (Borracha sintética)	517	6	687	7,8	654	6,9
Outros prod. Químicos	2.351	27,3	1.100	12,5	778	8,2
Vias fluviais	1.826	21,2	1.567	17,8	1.518	16
Metais não ferrosos	353	4,1	317	3,6	351	3,7
Ferro e aço	232	2,7	449	5,1	360	3,8
Têxteis	344	4	449	5,1	484	5,1
Alimentos	267	3,1	643	7,3	1.518	16
Carvão	43	0,5	194	2,2	199	2,1
Energia	947	11	1.171	13,3	721	7,6
Madeira	86	1	26	0,3	66	0,7
Máquinas e equipamentos	198	2,3	194	2,2	76	0,8
Couro	9	0,1	18	0,2	9	0,1
Moradia	0	-	0	-	66	0,7
Total do investimento planejado (bilhões de <i>reichmark</i> )	8.611	100	8.802	100	9.485	100

FONTE: D. Petzina, *Autarierpolitik im Dritten Reich* (STUATGART, 1968, p.83 apud TOOZE, 2013, p.268)

Em 1938 o desemprego havia declinado consideravelmente e já estava beirando 1 milhão de desempregados, da mesma forma milagrosa que a hiperinflação em 1923. Fica claro para os autores que a economia nazista andava com as próprias pernas. E que pelo menos Adolf Hitler cumpriu com sua agenda política quando disse que ninguém seria esquecido durante a reforma econômica e criação de postos de trabalho.

A maior intervenção do estado na fase de economia de comando levou a uma distorção no padrão de consumo e de comércio internacional. A política econômica favorecia

deliberadamente os grupos que viviam do rearmamento e os que se beneficiavam com o fechamento da economia. As perspectivas de ganhos para muitos homens de negócio eram bastante positivas com o envolvimento nas ações do governo. (FEIJÓ, 2009, p.7)

Tabela 5: Despesas com rearmamento, gastos públicos e renda nacional 1933-1938  
(bilhões de *reichmarks*)

	Despesas com o Rearmamento	Gastos Públicos em bens e serviços	Renda Nacional
1933	1,8	10,1	42,5
1934	3,0	14,6	49,0
1935	5,4	16,6	55,3
1936	10,2	21,9	62,1
1937	10,9	23,5	69,9
1938	17,2	31,3	78,3

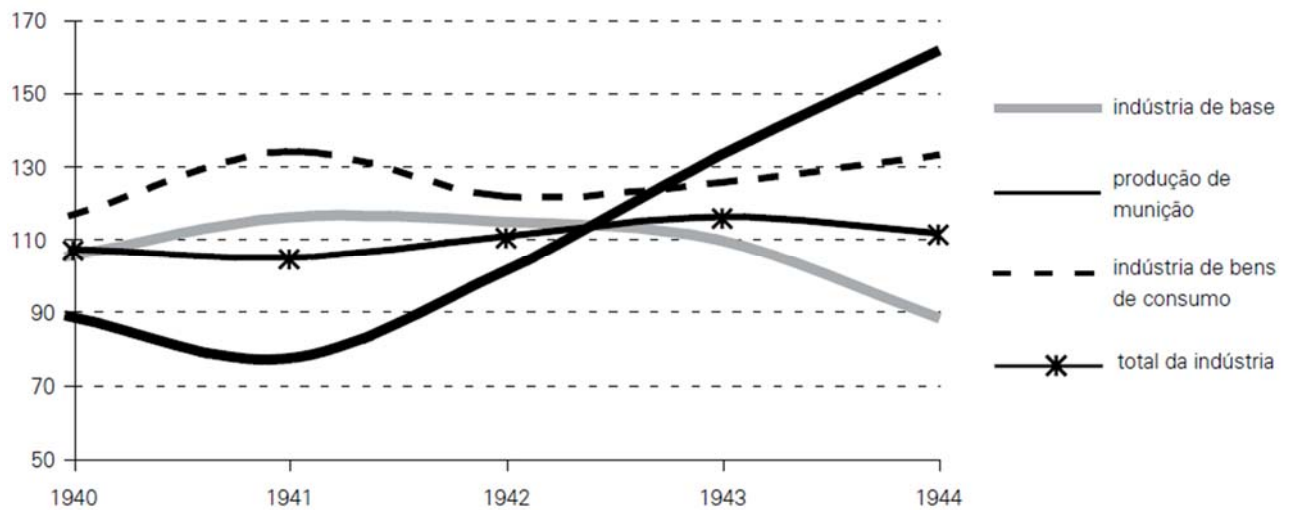
FONTE: OVERY (1996, p. 48) apud COUTO et al. (2007, p.27)

Então em 1939 veio a Segunda Guerra Mundial, a economia de guerra alemã estava bem avançada. Como os nazistas acreditavam que a guerra teria uma curta duração, a produção de consumo se manteve no mesmo patamar, e o setor da construção civil cedeu para que a questão da produção de armamentos fosse aumentada. Junto com a SGM segundo Feijó (2009) um novo nome toma prestígio entre os membros do partido nazista, Albert Speer<sup>14</sup>. Speer reformula o Ministério de Armamento e Munição, e toma parte de todas as agências ligadas a economia. Ele elimina as piores eficiências técnicas e concentra a produção de armamento nas melhores indústrias, entre 1941 e 1944 a produção de armas dobra. Contudo, os outros ramos não tiveram tantos ganhos nas produtividades. (FEIJÓ, 2009, p.9)

Figura 5: Produção por trabalhador na indústria alemã (1940-1944)

---

<sup>14</sup> Foi o arquiteto-chefe e ministro do Armamento do Terceiro Reich. Conhecido como "O bom nazista", ele assumiu todas as responsabilidades por seus atos cometidos durante o regime nazista no Julgamento de Nuremberg. (Schacht, 1999)



FONTE: ALBESHAUSER (2000, p.155) apud FEIJÓ (2009, p.9)

Tooze (2013) afirma que Speer foi o “homem do milagre” na Alemanha de guerra. Um de seus maiores feitos, segundo ele, foi à introdução do uso mais racional da força de trabalho. Ele passou a utilizar além dos cidadãos alemães, estrangeiros e judeus que estavam em campos de concentração. (TOOZE, 2013, p.621)

Feijó (2009) acrescenta que mesmo a economia alemã estando em guerra a partir de 1939, a inflação permaneceu relativamente baixa, o custo de vida das famílias aumentou apenas 13% entre 1939 e 1944, o consumo de alimentos do país continuou no mesmo patamar e a produção foi elevada. O nível de desemprego caiu para menos de 500 mil desempregados. (FEIJÓ, 2009, p.22)

Para Tooze (2013) a eficiência da economia alemã pode ser explicada claramente pelo PIB nacional que teve um aumento de 44,27% em questão de anos. O PIB alemão só volta a desmoronar entre 1945 e 1946, reduzindo-se para menos de 60% do PIB anterior. Então em 1945 as garras da derrota finalmente fecharam-se sobre o Terceiro Reich na última semana de abril.

### 2.3.1 Keynes e suas perspectivas teóricas: aplicação ao governo de Hitler

Apesar De Adolf Hitler negar o apreço as políticas econômicas keynesianas, basta que se acompanhe um breve período de seu mandato para perceber a semelhança entre ambas.

Keynes em meados de 1919, após o final da Primeira Guerra Mundial já estava no auge de sua carreira econômica e se mostrava um jovem promissor. Para tanto, segundo Martins (2010) ainda em 1919 já mostrou sua relação inicial com a Alemanha quando discordou das leis impostas pelo Tratado de Versalhes e logo em seguida publicou o livro “As consequências econômicas da paz” onde isso fica explícito. (MARTINS, 2010, p.18)

Keynes apresenta uma proposição de reestruturação da ordem econômica mundial centrada nos seguintes pontos: revisão do Tratado de Versalhes, principalmente das questões pertinentes a reparações de guerra que deveriam ser pagas pela Alemanha; reorganização do comércio internacional em conformidade com a sistemática do livre-comércio e uma reforma monetário-financeira internacional para assegurar uma maior elasticidade da liquidez internacional e estabilizar as taxas de câmbio. (FERRAR FILHO, 2006, p.217)

Tal livro adquiriu tanta fama, que desde o início da caminhada do partido nazista já utilizavam do mesmo como propaganda nacionalista alemã, inclusive para fomentar a campanha no *Laissez Passer*<sup>15</sup>. “O liberalismo está errado não por uma razão moral, mas porque fere a realidade do senso prático” (FONSECA, 2010, p.4)

O primeiro obstáculo enfrentado por Keynes para propor sua teoria era o padrão-ouro. Ou seja, a libra, o dólar o marco, o franco e todas as unidades monetárias de países civilizados eram denominações de quantidades lastreadas em ouro. As notas e depósitos bancários poderiam ser convertidos em ouro a qualquer momento. Contudo, políticos e banqueiros estavam insatisfeitos, a partir daí surgiram os bancos centrais estatais sob o comando do governo. Com monopólios de emissões de notas, poder de suspender a conversibilidade em ouro, de suspender pagamentos e sustentar todas reservas de bancos particulares e permiti-lhes a expansão de crédito em regime de reservas fracionais sob comando do governo. (DILLARD, 2005 apud MARTINS 2010, p.20)

Segundo Martins (2010), após a primeira guerra a maior parte dos países abandonou o padrão-ouro e se submeteu a inflação. Esse era o estado em questão em 1923 quando Keynes publicou seu primeiro livro de teoria econômica “*Tract on the Monetary Reform*”, onde a ideia central era a de que o padrão-ouro deveria ser abandonado já que o controle e a quantidade de

---

<sup>15</sup> Expressão francesa “deixa passar” caracterizando um momento em que Inglaterra e França lutavam por uma liderança regional e preocupadas em se reestruturar das perdas da I Guerra, deixaram a Alemanha chagar até onde chegou sem muitos alardes, e quando estes aconteciam, a expressão vinha a tona.

moeda em circulação no mercado deveriam ser confiados aos políticos, que zelariam pela estabilidade da moeda e do nível geral de preços. (MARTINS, 2010, p.20)

Keynes então amadureceu seu sistema mediante a crise de 1929 que acabou gerando alto desemprego e tormento para todas economias do planeta.(FEIJÓ, 2009, p.17). Foi então segundo o autor, que publicou sua obra mais conhecida: A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda.

“Não é um argumento absurdo afirmar que Keynes forneceu alguns tijolos para a construção dos muros do Estado Nazista. (DILLARD, 2005 apud Martins, p.19). A relação entre as políticas nazistas e keynesianas fica evidente entre 1935 e 1944, onde houve crescimento econômico e o desemprego fora diminuído a um patamar quase nulo. Medidas foram tomadas pelo partido nazista, como o investimento em infraestrutura, estradas e moradias. Também algumas medidas de natureza fiscal e creditaria. (Ibid., 2010, p.25)

Ferrari Filho (2006) afirma que segundo Keynes, o desemprego poderia ser combatido por meio de investimentos públicos, programas sociais e políticas protecionistas. (FERRARI FILHO, 2006, p.222)

Backhouse (2007) mostra que para Keynes, a relação entre poupança, investimento e demanda efetiva sustentava a ideia de que tanto a política monetária como o controle dos gastos governamentais podiam ser necessários para atenuar o desemprego. (BACKHOUSE, 2007, p.271)

Hitler percebeu de inicio que seria necessário unir o desemprego a questão do rearmamento militar. Assim, políticas do livro de Keynes foram colocadas em prática. O planejamento econômico ficou concebido em torno de três estratégias para o ataque que reduziria o desemprego: medidas de expansão de crédito, de incentivos fiscais e políticas específicas de investimento. O crédito segundo Ferrari Filho (2006, p.223) foi estimulada a indústria de bens e consumo. Martins (2010) explica que do lado tributário foram removidos impostos sobre automóveis a fim de incentivar a produção e, sobre os investimentos, o financiamento público concentrou-se na construção e reforma de estradas, construção de prédios públicos, indústria de transporte e algo já era voltado para o rearmamento. (MARTINS, 2010, p.26)

Backhouse afirma que Keynes pensava da seguinte maneira: “Se um trabalhador adicional é empregado num esquema de obras públicas, e esse trabalhador compra bens que precisam ser produzidos por outros trabalhadores, quantos trabalhadores adicionais serão empregados.” (BACKHOUSE, 2010, p.272)



A perda da independência econômica após a tomada de poder dos nazistas afetou todos os setores, segundo os autores o ramo bancário estava sob os olhares do governo, as indústrias foram unificadas em cartéis, os salários foram congelados até 1945 e os sindicatos abolidos. Martins (2010) acrescenta que o estado controlava o mercado, os preços e até mesmo a produção industrial do país. (MARTINS, 2010, p.27)

A experiência nazista e sua ligação com as políticas keynesianas fica marcada a partir do momento em que o estado liberal da República de Weimar é substituído por uma forte intervenção estatal. Logo em seguida pelo chamado primeiro Plano Quadrienal e pelo segundo. Na avaliação dos líderes nazistas, era necessário intervir ainda mais na economia para frear a expansão da demanda privada e assegurar a expansão do estado na economia alemã com vista à estratégia de preparação para a guerra. O esforço armamentista passou a ser a tônica do Segundo Plano Quadrienal. (SCHACHT, 1999)

Martins (2009) afirma que grandes indústrias passaram a ter uma relação boa entre governo e setor privado. Os próprios grupos industriais que antes foram fundidos e obrigados a formar cartéis, passavam então a interferir nas ações do próprio governo. (MARTINS, 2009, p.31)

Ferrari Filho (2006) afirma que a intervenção do Estado, seja em termos de atividade produtiva e de políticas públicas, seja no sentido de criar mecanismos que propiciem um ambiente institucional favorável às tomadas de decisões dos agentes econômicos, constituem a solução para qualquer tipo de crise. (KEYNES, 1964, p.378 apud FERRARI FILHO, 2006, p.228)

Em *How to Pay for the War*, escrito em 1939 Keynes objetiva responder a seguinte pergunta: como é possível financiar gastos de guerra de um país, sem contudo criar pressões inflacionárias adicionais para a economia? Ferrari filho (2006) mostra que Keynes apresentou uma proposta denominada *compulsory saving*, em que as rendas das classes sociais deveriam ser momentaneamente confiscadas, visando com isso: aumentar as receitas governamentais, então imprescindíveis para financiar os gastos do governo com a Segunda Guerra Mundial, e contrair a demanda agregada, evitando assim pressões inflacionárias. Por sua vez a poupança compulsória seria devolvida aos indivíduos no final da guerra. (FERRARI FILHO, 2006, p.229)

Para Tooze (2013) Hitler pode ter utilizado desse mecanismo a partir do momento em que começou a “confiscar” judeus, comunistas e até mesmo outros países dos quais tomava posse. (TOOZE, 2013, p.513)

Martins (2009) reforça que, Hitler juntamente com seus líderes econômicos se embasaram nas teorias de Keynes para montarem o aparato econômico e político do país que

serviria para reerguer o povo alemão, a economia e a política perante o mundo. (MARTINS, 2009, 32)

A maior prova de que algumas perspectivas teóricas de Keynes foram fundamentais para a Alemanha entre 1933 e 1944 foi a questão do desemprego. Hitler assumiu o poder em 1933 com 6 milhões de desempregados, e em meados de 1940 esse índice já se reduziria para cerca de 350 mil desempregados apenas. A proposta de pleno emprego<sup>16</sup> criada por Keynes, sem dúvida alguma foi implantada até hoje com maior sucesso através de políticas de investimentos, crédito e gastos do governamentais, na Alemanha nazista. Além disso, Hitler foi um dos maiores adeptos das críticas de Keynes ao livre mercado, utilizando do mecanismo de intervenção estatal desde o início de sua trajetória no poder. Pode-se dizer então que grande parte das medidas econômicas nazistas, na verdade só foram adaptadas e igualadas as ideias centrais de Keynes.

#### **2.4 BRASIL: PERÍODO ENTRE GUERRAS (1919-1945)**

As décadas que marcaram o período entre a deflagração da Primeira Guerra Mundial e o final da segunda, também marcaram a certo ponto a história do Brasil. Apesar de sua participação tardia e simbólica nos dois conflitos, o período foi marcado por diversas mudanças políticas, econômicas e financeiras.

Goldsmith (1986) afirma, que economicamente as duas guerras mundiais afetaram gravemente a dependência do Brasil nos mercados. Sob o âmbito financeiro, o país acabou livrando-se de sérios problemas, como a acentuada inflação que prevalecia desde meados de 1890, ou a deflação do início do século, a expansão da população, e o princípio de pequenas indústrias de bens de capital. (GOLDSMITH, 1986, p.142-143)

As décadas de guerra no mundo compreenderam alguns períodos distintos no Brasil: O fim da República Velha (1913-1929), e o regime de Vargas (1930-1945). Segundo o autor vale ressaltar que estes períodos foram ainda divididos em subperíodos: Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o período transitório de 1919 a 1921, o regime de Vargas, a depressão e os anos de Segunda Guerra Mundial. (GOLDSMITH, 1986, p.143)

---

<sup>16</sup> A expressão refere-se a utilização de todos os fatores disponíveis a preço de equilíbrio, ou seja, uma economia em pleno emprego encontra-se em equilíbrio.

Baer (2003) acrescenta que o período de 1920, constituiu um período de crescimento relativamente pequeno do setor industrial. A taxa média de crescimento anual da produção industrial caiu de 4,6% no período de 1911-20 para 3% no período de 1920-29. (BAER, 2003, p.52)

A força de trabalho, cujas estatísticas são deficientes porque incluem apenas uma parte das mulheres dedicadas a agricultura, aumentou de 13,7 milhões em 1920 para 20 milhões em 1940, o que corresponde a uma taxa anual de 2,1%. Com relação à mão-de-obra masculina, que evoluiu de 11,6 milhões para 17,1 milhões, ou em 2,0% ao ano. A agricultura predominou, com uma participação de 70%. (GOLDSMITH, 1986, p.146)

Rodrigues (2010) mostra, que o período após a Grande Guerra, agravaria no Brasil o desemprego. E que a diversificação da indústria era atribuída a várias causas: em primeiro lugar as oficinas de reparos que existiam antes, durante e depois da Primeira Guerra Mundial, em segundo ao capital estrangeiro que começou a entrar no país em setores como o de aço e cimento, e em terceiro a ajuda do governo a empresas de novos setores com isenções de impostos para importações. (RODRIGUES, 2010, p.11).

Em 1929 uma crise financeira catastrófica se espalha pelo mundo. Baer (2003) afirma que a Grande Depressão<sup>17</sup> causou fortes impactos nas exportações brasileiras, cujo valor sofreu uma queda de US\$ 445,9 milhões em 1929 para US\$ 180,6 milhões em 1932. (BAER, 2003, p.54)

Lacerda et al. (2000) explica que devido a importância do café para a economia brasileira, políticas de defesa foram criadas para tentar proteger as exportações brasileiras durante a crise. (LACERDA et al., 2000, p.68)

Segundo Figueira (2002), o governo encontrou o país sob os efeitos da crise: desemprego, fábricas fechadas, ameaça de quebra dos cafeicultores. Para proteger a cafeicultura, o governo aplicou um plano de compra e queima de grandes quantidades de café excedente, destruindo cerca de setenta milhões de sacas do produto entre 1930 e 1937. (FIGUEIRA, 2002, p.339)

O autor ainda acrescenta que ao comprar o café excedente, o governo injetava dinheiro na economia, estimulando a procura por produtos manufaturados. Dada as dificuldades para importar os fabricantes nacionais aumentaram sua produção para atender as novas demandas. Isso explica o motivo pelo qual o Brasil já em 1933, foi um dos primeiros países a sair da crise. (FIGUEIRA, 2002, p.339)

---

<sup>17</sup> Também chamada de crise de 1929, foi uma depressão econômica que se instalou em Wall Street e teve impactos no mundo todo.

Nota-se que para Baer (2003), Celso Furtado<sup>18</sup> foi o primeiro economista a encarar a política de proteção ao café como um tipo de programa anticíclico keynesiano; o qual foi financiado pela expansão de crédito.

É importante observar que o valor do produto que foi destruído era muito menor do que a receita que foi criada. Estávamos, de fato, construindo as famosas pirâmides que muito depois seriam mencionadas por Keynes. Desse modo, a política de apoio ao café nos anos da Grande Depressão tornou-se o maior estimulador do crescimento da renda nacional. Inconscientemente, o Brasil assumiu um política anticíclica de proporções relativas mais amplas do que havia sido praticada em países industrializados até aquela época. (FURTADO, 1972, p.192)

Junto com a crise veio a chamada “Era Vargas<sup>19</sup>”, a partir de 1930. Getúlio Vargas assume o poder, e já de início suspende a constituição em vigor, dissolve o congresso nacional e nomeia interventores para o governo dos estados. Também cria novos ministérios: saúde e educação, além de inaugurar uma nova atitude do Estado em relação à classe trabalhadora. (FIGUEIRA, 2002, p.338)

Lacerda et al. (2000) o crescimento industrial no país começou durante a Grande Depressão. Houve uma queda no nível de renda de 25% a 30% e o índice de produtos importados subiu 33%, assim a redução nas importações foi drástica, de forma que o mercado interno passou a produzir mais para atender a oferta interna. (LACERDA, 2000, p.71)

Ainda nesse período entra em ação Celso Furtado e, seu modelo de industrialização por substituição de importações. Lacerda et al. (2000) explicam que o saldo desse processo para a economia brasileira foi a rápida ascensão da indústria, que passou a ser o fator dinâmico principal de criação de renda interna. Com o colapso da crise, as fortes desvalorizações cambiais, queda nas importações e aumento na produção interna, estabeleceu-se um novo nível de preços nos, quais, se desenvolveram indústrias destinadas a substituir importações. (LACERDA, 2000, p.72)

Os autores também acrescentam que o conceito de substituição de importações além de significar o início da produção interna de um bem antes importado, mostra também uma mudança significativa na pauta de importações do país. (LACERDA et al. (2000, p.73)

Durante o mandato de Getúlio, mais precisamente depois de 1930, ano de impulso e incentivo do Estado em relação à industrialização, um outro fator que começou a aparecer de

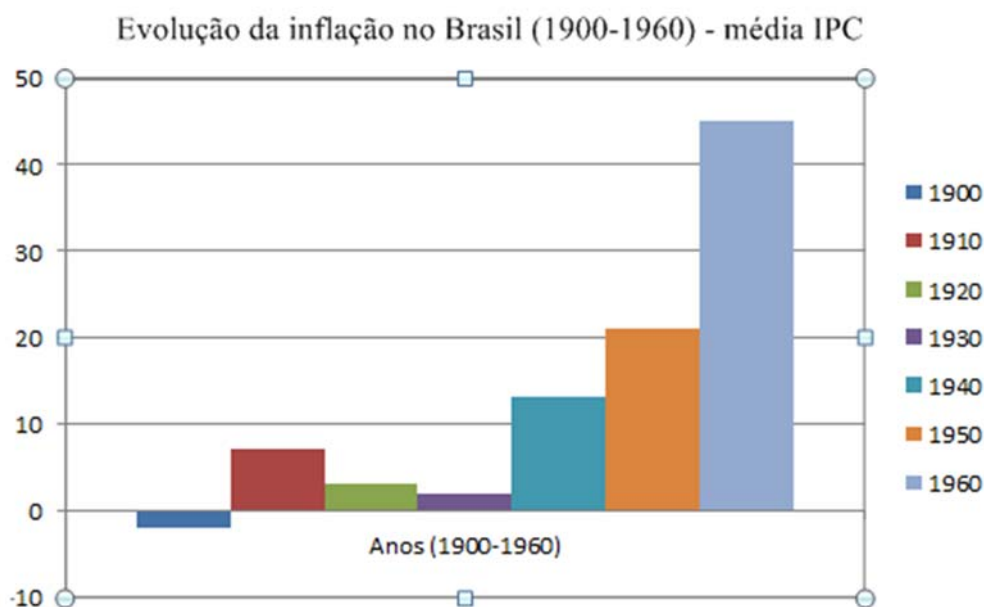
---

<sup>18</sup> Foi um economista brasileiro de grande importância no século XX. Suas ideias enfatizam o papel do estado na economia, e a adoção de um modelo de desenvolvimento econômico de corte keynesiano.

<sup>19</sup> Nome que se dá ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil de forma contínua (1930-1945).

forma significativa foi o processo inflacionário. Para Gremaud et al. (2006), o processo inflacionário apareceu como um complemento da industrialização do país.

Gráfico 3: Taxa de inflação no Brasil (1900-1960)



FONTE: cálculos meus apud Gremaud (2006, p.337)

O gráfico 3 apresenta uma relação da taxa de inflação do Brasil a partir de 1900 até 1960. Nota-se que a inflação começa a subir de forma considerável a partir de meados de 1930, e continua subindo até 1960.

Em novembro de 1937 ocorre um golpe militar liderado por Vargas, cujo mandato terminaria em 1938. Esse golpe para Lacerda et al. (2000) indicou a instauração do período ditatorial conhecido como Estado Novo, que se estenderia até 1945. (LACERDA et al., 2000, p.74)

Figueira (2002) afirma, que no mesmo dia que anunciou a implantação do novo regime, Vargas também comunicou que o país teria outra constituição baseada nos governos da Itália e Polônia totalmente autoritária e centralizada. (FIGUEIRA, 2002, p.341)

No âmbito econômico, as principais características do Estado Novo foram o impulso à industrialização, o nacionalismo, o protecionismo e a intervenção do Estado na economia. Assim, Vargas suspendeu o pagamento da dívida externa em 1937, mas manteve negociações destinadas a atrair capitais externos para projetos de desenvolvimento econômico, como o da construção da primeira siderúrgica brasileira, instalada no Rio de Janeiro em 1941. (Ibid., p.341)

Ao eclodir a Segunda Guerra Mundial, o Brasil procurou manter uma posição de neutralidade, por razões de ordem econômica e ideológica afinal os EUA eram parceiros comerciais do Brasil, contudo, Vargas simpatizava com o nazismo alemão. Da mesma maneira que a Primeira Guerra Mundial, a segunda também representou para o Brasil segundo Baer (2003) um período de aumento na produção. (BAER, 2003, p.59)

O autor acrescenta que durante a guerra, as exportações de produtos manufaturados brasileiros cresceram rapidamente. Porém, devido ao reaparecimento de tradicionais fontes de abastecimento após a guerra, e devido ao péssimo desempenho das exportações brasileiras, os produtos industrializados praticamente desapareceram da lista de exportações. (Ibid., p.59)

Tabela 6: Distribuição setorial do PIB brasileiro 1910-1950 (%)

<b>Ano</b>	<b>Agricultura</b>	<b>Indústria</b>	<b>Serviços</b>
1910	35,8	14,0	50,2
1920	32	17,1	50,9
1930	30,6	16,5	52,9
1940	25	20,8	54,2
1950	24,3	24,1	51,6

FONTE: Gremaud (2006, p.336)

A tabela 6 mostra o aumento da participação da indústria no PIB a partir da década de 1930 e, conseqüentemente a queda da participação agrícola. O setor de serviços permaneceu estável durante o decorrer das décadas. Os autores reforçam que é importante ressaltar que nos anos de guerra a inflação subiu a ponto de corroer o poder aquisitivo, para isso foi feita uma reforma monetária no país, como forma de conter a inflação.

### 3. ASPECTOS METODOLOGICOS

Segundo Köche (1997), o ato de pesquisar significa identificar uma dúvida que necessita ser esclarecida e apresentar a solução da mesma. De tal forma, este capítulo tem por objetivo apresentar os aspectos metodológicos utilizados neste trabalho. A primeira seção, delineamento da pesquisa apresenta uma síntese do assunto; na segunda seção serão apresentadas as variáveis de estudo e categorias de análise; e na última seção será feita a análise e interpretação dos dados.

### **3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA**

Para Gil (2007), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como um procedimento racional e sistemático que visa proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Como método de pesquisa foi utilizado o indutivo, que segundo Lakatos e Markoni (2005) é um processo que parte do individual para explicar o geral, ou seja, a pesquisa parte de dados particulares ou restritos, que sejam constatados, para conseguir se chegar a uma verdade que aborde o todo.

Dentro deste conceito, ainda podemos considerar o estudo como exploratório pois busca familiarizar-se com um determinado assunto levantando informações que tendem a levar o pesquisador a conhecer ainda mais sobre o mesmo. Também se enquadra como descritivo, pois registra, observa, analisa, e correlaciona fatos e fenômenos sem que os mesmos sejam manipulados.

Esta pesquisa é considerada qualitativa. Segundo Maanen (1979) a pesquisa qualitativa assume diversos significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, trata-se de reduzir a distancia entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação

### **3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE**



Um importante passo no desenvolvimento de um trabalho empírico é a apresentação dos dados. Nesta seção, os dados utilizados no estudo serão descritos e as suas principais limitações, bem como as justificativas para suas escolhas serão apresentadas.

### 3.2.1 Inflação

A inflação pode ser conceituada como um aumento contínuo e generalizado no nível geral de preços. Ou seja, os movimentos inflacionários representam elevações nos preços de todos os bens produzidos pela economia, e não apenas de um determinado preço. Contudo segundo O'Sullivan et al.(2004), é importante ressaltar que a inflação não se refere apenas ao nível de preços (altos ou baixos) mas sim, a variação percentual entre dois períodos de tempo.

O fato de a inflação representar uma elevação dos preços monetários significa, em outras palavras que o valor real da moeda é depreciado pelo processo de inflação; assim, a inflação pode ser considerada um processo monetário. Para justificar essa teoria Mankiw (2001) explica o processo da subida de preços da casquinha de sorvete nos Estados Unidos, onde passa de alguns centavos até um dólar. Para tanto, ele acrescenta que possivelmente as pessoas não estejam gostando mais de sorvete para passarem a pagar mais pelo mesmo, e sim, que as pessoas continuam gostando de sorvete da mesma maneira e que, ao longo do tempo o dinheiro que foi usado para comprar o sorvete perdeu seu valor. Assim, pode-se afirmar que a inflação se trata mais do valor da moeda do que do valor dos bens.

Para Mankiw (2004), para podermos explicar a inflação devemos nos aprofundar um pouco mais na teoria que explica o que determina o nível geral de preços. Ou seja, a capacidade produtiva de uma economia é que determina o PIB real<sup>20</sup>, a quantidade de moeda determina o PIB nominal<sup>21</sup> e o deflator<sup>22</sup> do PIB é a razão entre o PIB real e o PIB nominal. Assim, essa teoria passa a explicar o que acontece quando o Banco Central de um determinado país muda sua oferta monetária. Com a velocidade constante, qualquer mudança na oferta de moeda, leva a uma mudança proporcional no PIB nominal. Como os fatores de produção e a função de produção já determinam o PIB real, a mudança no PIB nominal deve representar uma mudança

---

<sup>20</sup> PIB Real refere-se ao Produto Interno Bruto calculado a preços constantes e sem os efeitos da inflação.

<sup>21</sup> PIB Nominal é o valor do PIB calculado a preços correntes, ou seja, no ano em que o produto foi produzido e calculado.

<sup>22</sup> Indicador que mede a variação média dos preços de um período, em relação ao período anterior.

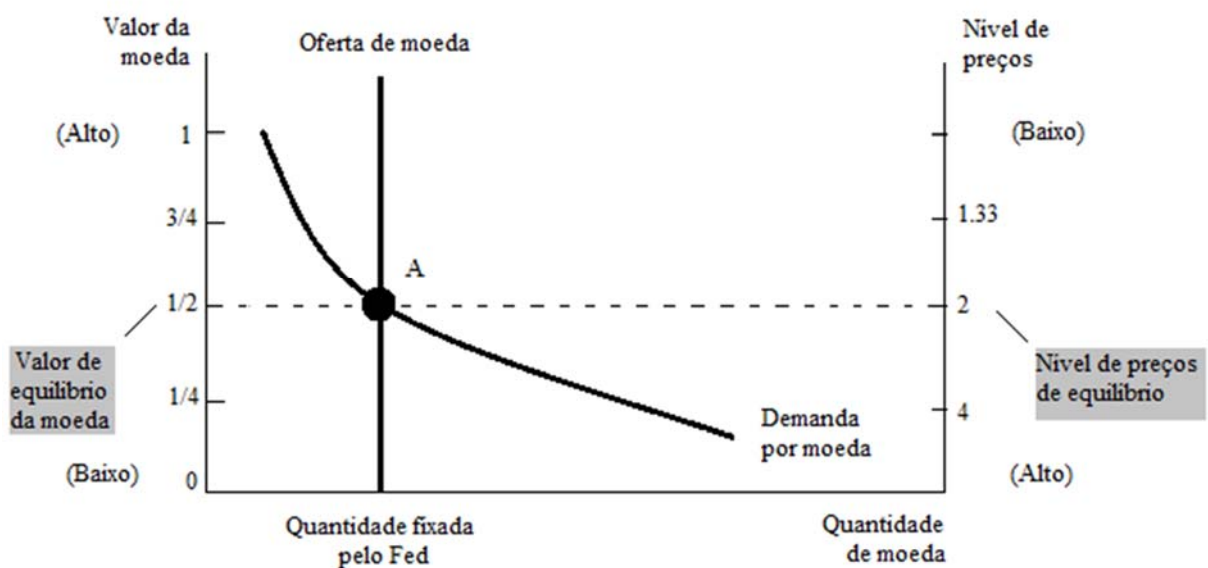
no nível de preço. Dados esses fatores, a teoria implica que o nível de preços é proporcional a oferta monetária.

Como a taxa de inflação é a mudança percentual no nível de preços, essa teoria do nível de preços é também uma teoria da taxa de inflação. A equação quantitativa, escrita na forma de variação percentual é:

$$\% \text{Variação de } M + \% \text{Variação de } V = \% \text{Variação de } P + \% \text{Variação de } Y$$

A variação percentual  $M$ , está sob controle do Banco Central. Segundo, o percentual de variação  $V$  reflete as alterações da demanda por moeda: partindo-se do princípio de que a velocidade é constante, e por isso o percentual será zero. O terceiro percentual da variação do nível de preços  $P$  refere-se a taxa de inflação. Por último a variação do produto  $Y$ , que depende do crescimento dos fatores de produção e do progresso tecnológico. Esta equação nos mostra que o crescimento da oferta monetária determina a taxa de inflação. Para podermos explicar este conceito, o gráfico abaixo mostrará como a oferta e a demanda por moeda determinam o nível de preços.

Figura 5: Equilíbrio no nível de preços, determinado pela demanda e oferta

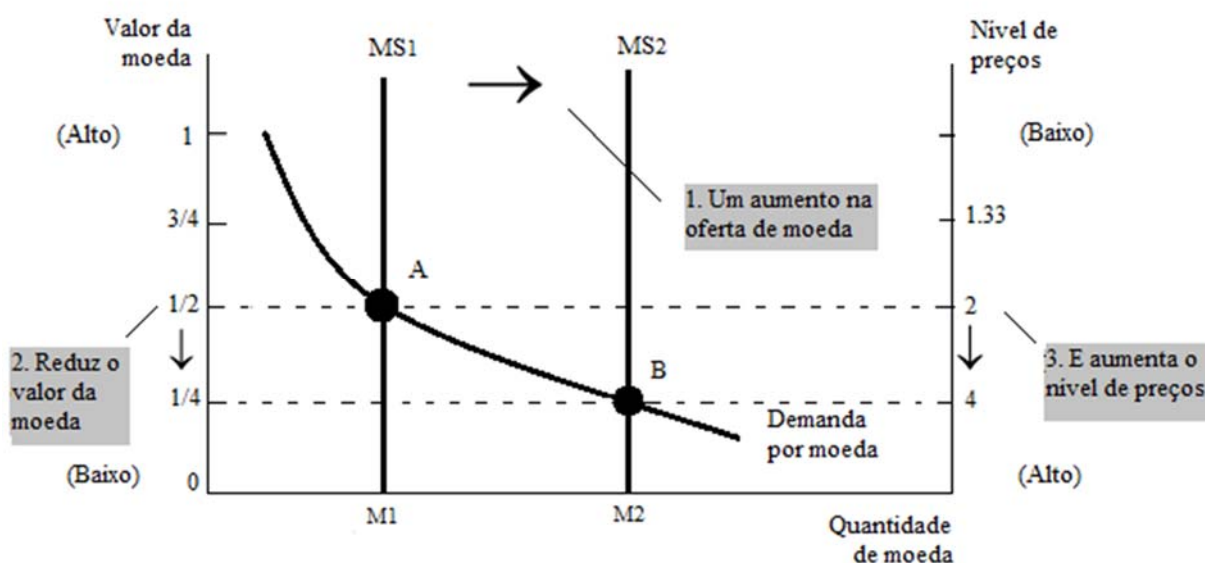


Fonte: MANKIWI (2001, p.633)

O eixo horizontal da figura 4 mostra a quantidade de moeda. O eixo vertical à esquerda mostra o valor da moeda e o eixo à direita mostra o nível de preços. A curva a oferta por moeda é vertical porque a quantidade oferecida de moeda é fixada pelo FED<sup>23</sup>. A curva da demanda por moeda é declinante porque as pessoas desejam manter em mãos uma quantidade maior de moeda quando cada dólar compra menos. No ponto de equilíbrio A, o valor da moeda (no eixo da esquerda) e o nível de preços (eixo a direita) se ajustaram para igualar a quantidade demandada de moeda. (MANKIWI, 2001, p.633)

No caso de um ajuste de política monetária por parte do Banco Central, ou seja, uma injeção de moeda, veja o que acontece com o gráfico.

Figura 6: Injeção de moeda



Fonte: MANKIWI (2001, p.634)

Quando o FED aumenta a oferta de moeda, a curva de oferta se desloca de *MS1*, para *MS2*. O valor da moeda e o nível de preços novamente se ajustam de modo a restabelecer o equilíbrio entre oferta e demanda. O equilíbrio passa do ponto A para o ponto B. Assim, quando um aumento na oferta monetária faz aumentar a quantidade de dólares (ou moeda em circulação), o nível de preço aumenta consequentemente reduzindo o valor de cada dólar.

<sup>23</sup> Federal Reserve. Banco Central dos Estados Unidos da América.

Mankiw (2001) explica, que dentro do conceito de inflação podemos explicar alguns tipos de inflação típicos:

- i. Inflação de Demanda: considerada o tipo mais clássico de inflação, diz respeito ao excesso de demanda agregada, em relação à produção disponível de bens e serviços. Em outras palavras pode-se dizer que existe dinheiro demais à procura de poucos bens. Esse tipo de inflação aumenta quanto mais a economia estiver próxima do pleno emprego.
- ii. Inflação de Custos: Esse tipo de inflação pode ser associada tipicamente a oferta. O nível da demanda permanece o mesmo, contudo os custos de certos insumos aumentam e são repassados aos preços dos produtos. Nesse caso, pode-se dizer que se o custo de um bem ou serviço aumenta, mais cedo ou mais tarde o preço desse mesmo bem ou serviço tende a aumentar. A razão mais frequente para o aumento de custos é o aumento salarial.
- iii. Estagflação: Esta ocorre quando se tem taxas significativas de inflação e recessão econômica com desemprego. Isso se dá principalmente quando em períodos de queda da atividade produtiva, as firmas com poder de oligopólio têm condições de manter seus lucros sobre os custos, aumentando o preço final dos bens. Assim, o nível de produção e emprego cai e mesmo assim os preços sobem.
- iv. Hiperinflação: Ocorre quando a taxa de inflação está fora de controle ou elevada. É definida como uma inflação que ultrapassa 50% ao mês. Isto significa que o nível de preços aumenta mais de cem vezes ao ano. Em outras palavras, nada mais é do que o encarecimento rápido e de forma inesperada dos produtos. A hiperinflação está diretamente relacionada com a quantidade de moeda em circulação. Os casos mais típicos aconteceram na Alemanha, Polônia, Áustria e Hungria logo após o término da Primeira Guerra Mundial.
- v. Deflação: Deflação é a queda dos preços durante um período constante de tempo. Ao contrário da inflação, os preços passam a diminuir.

### 3.2.2 Taxa de Desemprego

Uma das razões de querer se evitar o baixo desempenho econômico de uma nação é o custo que ela este trará a seus indivíduos e a sociedade. Se a economia de um país não cria

empregos suficientes, muitos indivíduos não encontram trabalho, causando dificuldades a eles e suas famílias.

“A perda do emprego pode ser um dos eventos mais traumáticos da vida de uma pessoa, afinal a maior parte das pessoas depende diretamente do salário para sobreviver e manter seu padrão de vida.” (MANKIWI, 2001, p.581)

Desempregados são aqueles indivíduos que não tem emprego atualmente mas estão procurando ocupação de maneira ativa conforme O’Sullivan et al.(2004). Para Dornbusch et al. (2013) em qualquer instante de tempo há um grupo de pessoas desempregadas. Uma pessoa pode ficar desempregada por um dos quatro motivos:

- i. Ele ou ela pode ser um ingressante no mercado de trabalho (alguém entrando no mercado de trabalho pela primeira vez), ou pode ser um reingressante (alguém retornando para a força de trabalho depois de não ter buscado trabalho por mais que quatro semanas);
- ii. A pessoa pode pedir demissão voluntária de um emprego para procurar outro e se registrar como desempregada enquanto faz está busca;
- iii. A pessoa pode ter sofrido uma suspensão do contrato de trabalho (é uma suspensão sem remuneração que dura mais de sete dias consecutivos, por iniciativa do empregador);
- iv. O trabalhador pode perder o emprego devido ao fechamento da empresa ou mesmo por crises sofridas pela mesma.

Basicamente existem três maneiras de sair do grupo de desempregados:

- A pessoa pode ser contratada para um novo emprego.
- Alguém com suspensão do contrato de trabalho pode ser chamado para voltar ao cargo pelo empregador.
- Um desempregado pode parar de procurar emprego e, portanto, por definição, deixar a força de trabalho.

A força de trabalho é o número total de trabalhadores, incluindo empregados e desempregados. E por consequência a taxa de desemprego é o percentual da força de trabalho que está desempregada, ou seja, o percentual dos que gostariam de trabalhar mas contudo não têm emprego.

$$\text{Taxa de desemprego} = \frac{\text{número de desempregados}}{\text{força de trabalho}} \times 100$$

Dentro do desemprego, ainda existem três categorias: desemprego cíclico, friccional e estrutural. Para Dornbusch (2013) o desemprego friccional é o que existe quando a economia está em pleno emprego. Um exemplo clássico de desemprego friccional é o seguro desemprego. Desemprego cíclico é o desemprego além do desemprego friccional, ou seja, ocorre quando o produto está abaixo do seu nível de pleno emprego. Já o desemprego estrutural é decorrente da insuficiência de empregos disponíveis em alguns mercados de trabalho para atender a todos que precisam de um. Para melhor explicar, o autor afirma que no âmbito econômico o desemprego estrutural tem a ver com a discrepância entre o número de pessoas que estão procurando emprego e o número de empregados disponíveis.

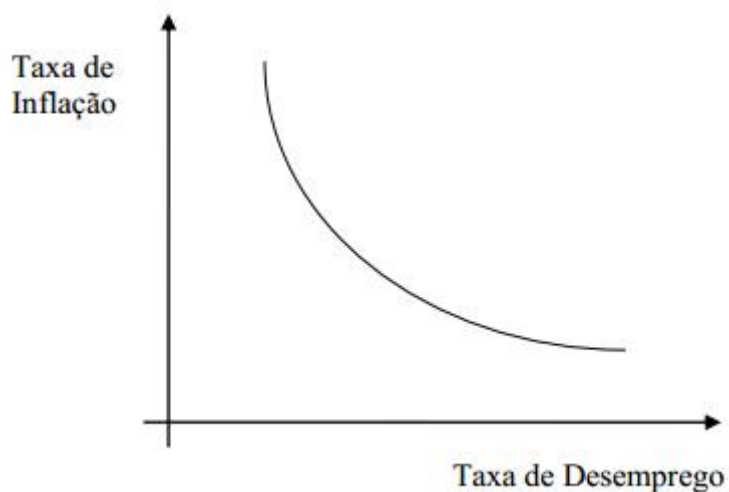
Uma das razões do desemprego conforme Mankiw (2001), e o tempo necessário para que trabalhadores em busca de emprego encontrem o que melhor se adapte a seus gostos e qualificações. Além disso, uma outra razão para que haja desemprego é o excesso de oferta de trabalho e ainda o poder de mercado dos sindicalistas. (MANKIW, 2001, p.603)

### 3.2.3 Curva de Phillips

O desemprego e a inflação estão diretamente ligados entre si. A inflação que é dada como um processo monetário e, o desemprego que é causado principalmente por crises ou períodos de decadência econômica e por trabalhadores que não querem ou estão a procura de emprego possuem uma relação empírica que pode ser explicado pela curva de Phillips.

A curva de Phillips segundo Dornbusch et al. (1990) descreve uma relação entre salários e preços, inflação e desemprego. Quanto mais alta a taxa de desemprego, menor a taxa de inflação. Em outras palavras, a curva sugere uma relação (ou troca: *tradeoff*) entre inflação e desemprego.

Figura 7: Curva de Phillips: Taxa de inflação x Taxa de desemprego



FONTE: MANKIWI (2001)

A Curva de Phillips tornou-se relevante para economia em 1958, quando Alban William Phillips, professor da *London School of Economics* publicou o artigo intitulado: “ *The relationship between unemployment and rate of change of money wages in the United Kingdom, 1861- 1957*”. Neste, o autor relaciona a taxa de desemprego com a taxa de variação do salário nominal para o Reino Unido no período de 1861 a 1957. Ele constatou que existia uma relação inversa entre tais variáveis. Representando algebricamente:

Seja  $W_t$  o salário desse período e  $W_{t+1}$  como o salário do período seguinte, logo a taxa  $g_w$  é definida por:

$$g_w = \frac{W_{t+1} - W_t}{W_t}$$

Com  $u^*$  representando a taxa natural de desemprego, podemos escrever a curva de Phillips como:

$$g_w = -\epsilon (u - u^*)$$

Em que  $\epsilon$  mede a magnitude da resposta dos salários ao desemprego. Essa equação mostra que os salários caem quando a taxa de desemprego excede a taxa natural, ou seja, quando  $u > u^*$ , e sobem quando o desemprego está abaixo da taxa natural.

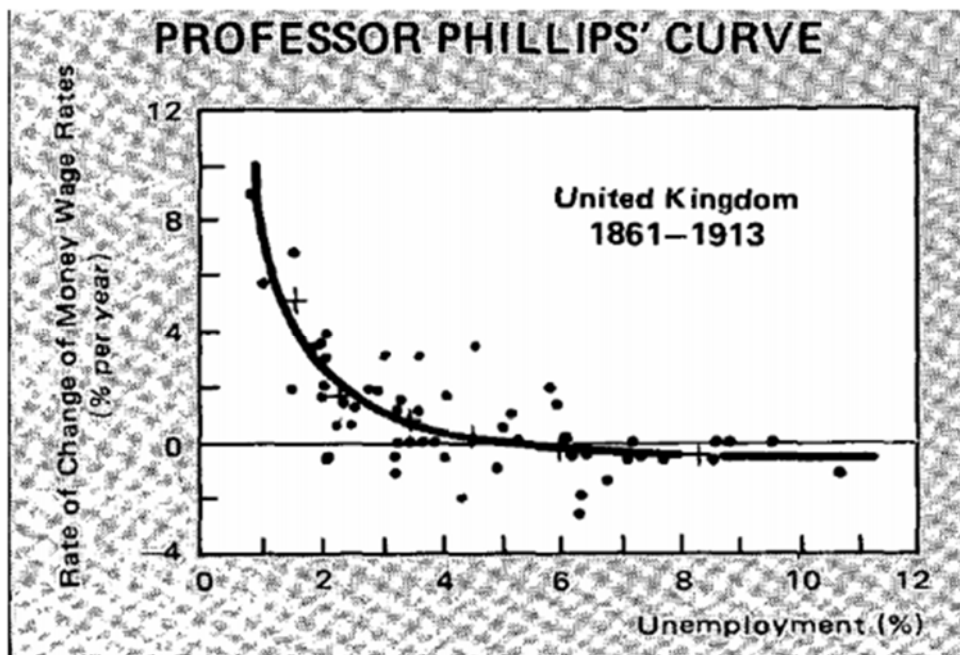
Blanchard (2004) explica: dado o nível de preços esperado, que os trabalhadores simplesmente consideram como os preços do ano anterior, o desemprego mais baixo leva a um salário mais elevado, que por sua vez aumenta o nível de preços. Juntando as etapas, pode-se dizer que o desemprego menor aumenta o nível de preços deste ano em comparação ao anterior e, por consequência aumenta a inflação. O mecanismo básico dessa ação se reflete por algumas etapas:

- O baixo desemprego induz o salário a ficar elevado
- Em resposta ao salário elevado, as empresas aumentam seus preços.
- Em resposta aos preços elevados, os trabalhadores reivindicam salários mais altos.
- O aumento dos salários faz novamente com que as empresas aumentem seus preços.

Esse processo fará ciclicamente com que os empregadores aumentem os níveis de preços e os empregados reivindicuem por salários melhores. Assim, constantemente irá ser gerada uma inflação entre salários e preços. Pode-se perceber claramente a teoria de Phillips em um dos gráficos de seu artigo de 1958, no qual fica clara a relação inversa entre as duas variáveis:

Figura 8: Curva De Phillips original (1958)





Fonte: HUMPHREY, 1985.

Contudo, com o passar dos tempos houveram mudanças necessárias a serem feitas a Curva de Phillips original. Estas, foram chamadas pelos autores de mutações e apareceram em 1970 nos Estados Unidos quando a atual relação perdeu consistência pois os gráficos mostravam que as duas variáveis não possuíam relações visíveis. Essas novas curvas levaram o nome de curva de Phillips modificada, curva de Phillips aumentada pelas expectativas (para mostrar a inflação esperada) e, curva de Phillips aceleracionista (para indicar que uma taxa de desemprego baixa leva a um aumento na inflação e por consequência uma aceleração no nível de preços).

Para Mankiw (2001), o *tradeoff* entre inflação e desemprego descrito pela curva só se sustenta no curto prazo. A longo prazo, a inflação esperada se ajusta as variações da inflação vigente e a curva de curto prazo se desloca. Em consequência, a curva de Phillips de longo prazo é uma reta vertical á taxa natural de desemprego.

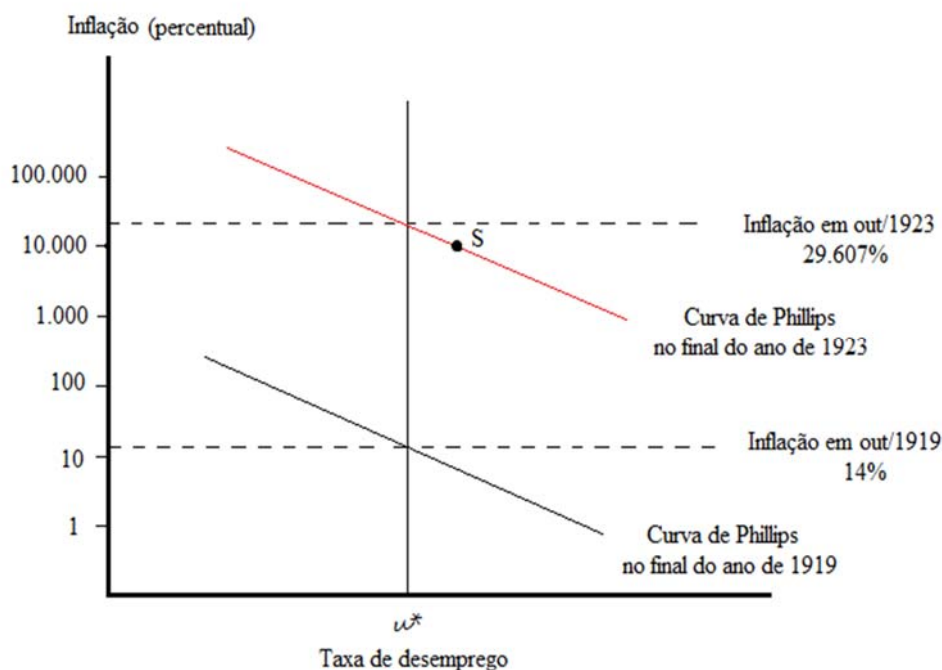
### 3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Nesta seção será apresentada a análise e a interpretação dos dados utilizados no presente trabalho. O objetivo inicial era explicar como se comportaram as variáveis inflação e desemprego em período de guerra tanto na Alemanha quanto no Brasil, ainda, as influências de Keynes para o período.

Primeiramente, foi feito um breve histórico do final da Primeira Guerra Mundial na Alemanha e as consequências econômicas sofridas pelo país após o término desta, além de uma ênfase no Tratado de Versalhes. Buscou-se, ainda, avaliar o período do entre guerras, em específico dos anos 1919 a 1932, onde o país se denominava República de Weimar. Nesse período o nome de Hjalmar Schacht ficou conhecido pelos seus bons resultados em relação à economia. Schacht, mediante a uma reforma monetária, fixação da taxa de câmbio e equalização do déficit público, conseguiu estabilizar a moeda alemã em poucos anos e conter a hiperinflação.

Na aplicação empírica do estudo, foi proposto o uso da Curva de Phillips como instrumento analítico para mostrar a relação entre o desemprego e a inflação neste período. Através desta percebeu-se a relação inversa proposta por Phillips em sua curva original entre 1924 e 1933 na Alemanha, de que quanto maior for à inflação menor será o desemprego e vice-versa. À medida que inflação passava a ser controlada e beirava 1%, o desemprego aumentava de forma contínua e alarmante até passar dos 6 milhões de desempregados. Contudo, um ano antes, entre 1922 e dezembro de 1923, o mesmo não aconteceu no país. Com o desemprego começando a ficar elevado em relação a 1919, onde passou de 6% para 14% da força de trabalho, e a inflação totalmente fora de controle, o resultado obtido foi um ponto de estagflação, ou seja, recessão econômica: desemprego elevado, hiperinflação e queda brusca no PIB alemão como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 2: Estagflação (1923)



FONTE: MINHA AUTORIA. Dados (COUTO et al., 2007)

Em seguida foi analisado o período entre 1933 e 1945, que foi marcado pelo início do mandato do partido nazista, inflação controlada e o desemprego beirando os 6,5 milhões (cerca de 40% da força de trabalho). Esse período foi extremamente marcado e influenciado por políticas keynesianas em relação à economia do Terceiro Reich (como se denominava a Alemanha a partir de 1933), apesar de Hitler deixar claro que não tinha “apreço” algum por Keynes. A experiência nazista começou substituindo a ênfase liberal, por políticas intervencionistas de estilo keynesiano, além do meio econômico ser alavancado pelo setor público. Com a inflação controlada, o maior desafio do governo de Hitler era combater o desemprego, que então veio através programas que tinham como “peças-chave” o investimento, gastos do governo, e incentivo ao crédito (fatores de relevância para Keynes).

Presume-se que a Alemanha de Hitler foi até hoje o exemplo mais pungente de uma “política de pleno emprego”, afinal, o resultado obtido através das políticas keynesianas em parceria com a questão do rearmamento militar, onde pessoas eram empregadas em empresas destinadas a produção bélica e de outros materiais destinados a Segunda Guerra Mundial foi excelente, reduziu o número de desempregados de uma média de 6,5 milhões para 350 mil.

Por fim, foi feito um estudo do período que sucedeu o final da Primeira Guerra Mundial no Brasil chamado República velha (1919-1929), onde a industrialização começava a dar suas caras, a inflação ainda era parcialmente baixa e a maior parte dos empregados estava no setor

agrícola. A partir de 1930, com a chamada “Era Vargas”, onde Getúlio Vargas assume o poder, pode-se perceber um incentivo maior a industrialização através da Substituição de Importações após a crise de 1929 em Wall Street. Infelizmente, pelo fato dos dados em relação ao desemprego serem muito deficientes não se pôde estimar a Curva de Phillips para o período. No entanto, todos os dados apresentados sugerem que a industrialização diminuiu o desemprego no país e, esta veio acompanhada de uma inflação crescente, ou seja, se comprovaria uma Curva de Phillips original com desemprego baixo e inflação alta. É importante também ressaltar, que o período no Brasil foi marcado por grandes mudanças econômicas, políticas e financeiras.

#### 4. CONCLUSÃO

O presente estudo buscou descrever como se comportou a inflação e o desemprego na Alemanha desde a República de Weimar até o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, as influências de John Maynard Keynes para o período e suas relações com as políticas econômicas, além do mais, analisar estas variáveis no Brasil desde o final da Primeira Guerra Mundial até o governo de Vargas, ainda, quais políticas macroeconômicas foram utilizadas como forma de conter a inflação e o desemprego nos dois países, buscando uma relação entre

ambas através da curva de Phillips. Esta pesquisa pode ser considerada histórico-bibliográfica, e abrange variáveis de âmbitos macroeconômicos.

No geral pode-se perceber o quanto uma guerra mundial é prejudicial não só para os países diretamente envolvidos, mas também para o resto do mundo. Nota-se que no caso da Alemanha, a qual estava diretamente ligada à guerra, não se pode discutir se foi o lado social ou econômico que ficou mais debilitado. Apesar das milagrosas obras de Hjalmar Schacht em relação à hiperinflação e a economia alemã como um todo, a população ainda sofria com os impactos causados pela Primeira Guerra e a economia se reerguia de forma lenta. Já em relação a questão do alto índice de desempregados que se iniciou a partir de 1923, a melhor forma utilizada para conter o desemprego pelo partido nazista foram políticas keynesianas unidas a criação de empresas destinadas a produção militar voltada a guerra que se iniciaria em 1939.

No caso do Brasil, tanto a participação em ambas guerras quanto os impactos foram sentidos de forma indireta. O mercado e a economia como um todo foram afetados e a inflação estava parcialmente controlada, após alguns períodos elevados em meados de 1890. Vargas, então, viu na industrialização uma forma de fazer com que o país desse um impulso na economia e passasse de um período agrícola, para o início de uma era industrial com o fortalecimento do mercado interno. Como consequência, o índice de desemprego no período diminuiu de forma gradativa e a inflação passou a subir e corroer o poder de compra da população brasileira.

## REFERENCIAS

FIGUEIRA, Divalte G. **História**. São Paulo: Ática, 2002.

TOOZE, Adam J. **O preço da destruição: construção e ruína da economia alemã**. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COUTO, Joaquim M. et al. **Hjalmar Schacht e a economia alemã (1920-1950)**. Economia e sociedade, Campinas, v.16, p. 311-341, dez. 2007.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. Editora Saraiva. Volume único. 7ª edição: 2003.

NOGUEIRA, Flávio S. **O papel dos EUA e da URSS na reconstrução do Estado Alemão na República de Weimar**. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO. Rio de Janeiro, 2010.

OSÓRIO, Luiz F. **Alemanha: a fênix da economia política internacional?**. Revista de história econômica e economia regional aplicada, v.5, 2010.

PUREZA, Fernando C. **Economia de guerra, batalha da produção e soldados-operários: O impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos trabalhadores de Porto Alegre (1942-1945)**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARTINS, Lucas C. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a uma guerra**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Relações Internacionais) – Universidade de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2010.

MARINHO, Amanda Z. **Alemanha Reunificada: seu desenvolvimento econômico**. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) – Universidade de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2010.

**A sombra dos ditadores**. Rio de Janeiro: Abril. Tradução de Pedro Paulo Poppovic. História em revista, 1989.

LANDES, David S. **Prometeu Desacorrentado: Transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1750 até a nossa época**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FEIJÓ, Ricardo C. **Uma interpretação do primeiro milagre econômico alemão (1933-1944)**. Revista de economia política, v. 29, n° 2, p. 245-266. São Paulo, 2009.

MANKIWI, N. Gregory. **Macroeconomia**. 5. Ed. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC editora, 2004.

MANKIWI, N. Gregory. **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Tradução da 2. Ed. Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001

DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; STARTZ, Richard. **Macroeconomia**. 11. Ed. , Tradução AMGH editor Ltda. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

BACKHOUSE, Roger E. **História da Economia Mundial**. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

MONTORO, André F. F. et al. **Manual de Economia**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BLANCHARD, Oliver. **Macroeconomia**. 3. Ed. Tradução Mônica Rosemberg. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914 – 1991**. Companhia das Letras. 2001. 632p.

LAILER, David; STADLER, George. **Monetary Explanations of the Weimar Republic's Hyperinflation: Some Neglected.** Journal of Money, Credit and Banking, Columbus, Ohio, v. 30, n 4, p 816-831, 1998.

SHIRER, W. L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich.** v. I. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964a.

KÖCHE, José C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa.** 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda.** São Paulo: Atlas, 1992.

FERRARI FILHO, Fernando. **As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes.** Revista de economia contemporânea, Rio de Janeiro, 2006.

FONSECA, Paulo C. D. **Keynes: o liberalismo econômico como mito.** Economia e Sociedade, v. 19, n.3, p. 425-447, Campinas: 2010.

O'SULLIVAN, Arthur; SHEFFRIN, Steven M.; NISHIJIMA, Marislei. **Introdução à Economia: Princípios e Ferramentas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

SCHACHT, Hjalmar. **Setenta e seis anos de minha vida.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; TONETO JÚNIOR, Rudinei. **Economia Brasileira:** contemporânea. 6. ed. São Paulo: Atlas S.a, 2006.

GOLDSMITH, Raymond W.. **Brasil 1850-1984:** Desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda., 1986.

LACERDA, Antônio Corrêa de; BOCCHI, João Ildebrando; REGO, José Marcio. **Economia Brasileira.** São Paulo: Saraiva, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.